



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA II
CURSO DE ARQUEOLOGIA**

VITOR HUGO LOPES DOS SANTOS

HISTÓRIA DE VIDA DAS MOEDAS: ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DO ACERVO
NUMISMÁTICO PRESENTE NA RESERVA TÉCNICA DO MAP E DO NAP DA UFPI

TERESINA, PI

2024

VITOR HUGO LOPES DOS SANTOS

HISTÓRIA DE VIDA DAS MOEDAS: ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DO ACERVO
NUMISMÁTICO PRESENTE NA RESERVA TÉCNICA DO MAP E DO NAP DA UFPI

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Arqueologia da
Universidade Federal do Piauí como
requisito obrigatório para a obtenção
do Título de Bacharel em Arqueologia.

Orientador(a); Dr^a Fernanda Codevilla
Soares

TERESINA, PI

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Natureza
Serviço de Processos Técnicos

S237h Santos, Vitor Hugo Lopes dos.
História de vida das moedas : análise arqueológica do acervo numismático presente na reserva técnica do MAP e do NAP da UFPI / Vitor Hugo Lopes dos Santos. – 2024.
91 f. : il. color.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Bacharelado em Arqueologia, Teresina, 2024.

“Orientadora: Dra. Fernanda Codevilla Soares.”

1. Arqueologia. 2. Moedas. 3. Biografia. I. Soares, Fernanda Codevilla. II. Título.

CDD 930.1

Bibliotecário: Gésio dos Santos Barros - CRB3/1469

VITOR HUGO LOPES DOS SANTOS

HISTÓRIA DE VIDA DAS MOEDAS: ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DO ACERVO
NUMISMÁTICO PRESENTE NA RESERVA TÉCNICA DO MAP E DO NAP DA
UFPI

Monografia apresentada ao Curso
de Graduação em Arqueologia da
Universidade Federal do Piauí
como requisito obrigatório para a
obtenção do Título de Bacharel em
Arqueologia.

Orientador(a); Dr^a
Fernanda Codevilla Soares

Aprovado em 17 de janeiro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



FERNANDA CODEVILLA SOARES

Data: 22/04/2025 17:09:13-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Fernanda Codevilla Soares (orientadora)
Universidade Federal do Piauí

Documento assinado digitalmente



ANA LUISA MENESES LAGE DO NASCIMENTO

Data: 14/04/2025 16:22:34-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento
Universidade Federal do Piauí



BENEDITO BATISTA FARIAS FILHO

Data: 21/04/2025 15:56:10-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Benedito Batista Farias Filho
Universidade Federal do Piauí

Documento assinado digitalmente



MARIA CONCEIÇÃO SOARES MENESES LAGE

Data: 14/04/2025 09:56:31-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Maria Conceição Soares
Lage Universidade Federal do Piauí

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Fernanda Codevilla Soares, que enquanto ministrante da disciplina de Tópicos de cultura Material, me instigou a escrever sobre moedas e me ajudou a ver o quanto esse tema poderia se tornar um bom trabalho.

Aos meus colegas da turma de Arqueologia 2020.1, que deram suas contribuições e me encorajaram a prosseguir com esse tema.

Ao assistente administrativo Francisco José de Sousa Filho, do MAP, e o terceirizado Me. Bruno Mesquita Santos, do NAP, que foram solícitos quando fui as reservas técnicas destas instituições para analisar as moedas.

Ao Prof. Dr. Benedito Farias Filho, do Departamento de Química, e ao mestrando Wilkins Oliveira de Barros, que me ajudaram com as análises químicas e me explicaram os funcionamentos dos aparelhos utilizados.

A minha amiga Eulália Freitas da Silva, que me relatou como era a relação das moedas com a sua religião.

A minha família e amigos.

“PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM”
(O dinheiro circula em todo mundo)

RESUMO

Este trabalho versa sobre a história de vida de 5 moedas que se encontram sob a guarda das Reservas Técnicas do MAP (Museu de Arqueologia e Paleontologia) e do NAP (Núcleo de Antropologia Pré Histórica), ambos da UFPI. Elas foram recuperadas em sítios arqueológicos nordestinos, sobretudo 3 sítios piauienses e 1 sítio paraibano. Nessa pesquisa, foram analisadas as suas trajetórias de vida, desde seu nascimento (quando, onde, como e em que contexto histórico-político estão associadas), sua carreira (envolvendo circulação como item monetário), aposentadoria (quando são descartadas de forma intencional, ou não) e por fim, as novas carreiras que assumiram (usos diferentes aos originais de quando foram fabricadas). O desenvolvimento do trabalho compreendeu a elaboração de uma ficha de análise especificamente criada para esse TCC, também foram realizadas medições arqueométricas no Laboratório Interdisciplinar de Química (ICL), do Curso de Química da UFPI, fazendo uso de técnicas como XRF, Microscópio Portátil USB de aumento em até 400x e balança de precisão; pesquisa bibliográfica sobre decretos-leis, alvarás, avisos e resoluções que explicam características que as peças deveriam ter ao serem fabricadas e análises de trabalhos sobre os sítios arqueológicos onde elas foram encontradas. Ao reunir todas essas informações, pude recolher diversos aspectos que me permitiram traçar essa biografia das moedas e contribuir para que elas mesmas pudessem contar suas próprias histórias.

Palavras-chave: História; Vida; Moedas; Biografia; Arqueologia

ABSTRACT

This work deals with the life history of 5 coins that are kept in the Technical Reserves of MAP (Museu de Arqueologia e Paleontologia) and NAP (Núcleo de Antropologia Pre-Histórica), both at UFPI. They were recovered from northeastern archaeological sites in Brazil, especially 3 sites in Piauí and 1 site in Paraíba. In this research, their life trajectories were analyzed, from birth (when, where, how and in what historical-political context they are associated), professional trajectory (involving circulation as a monetary item), retirement (when they are intentionally discarded, or not) and finally, as new careers they took on (different uses originating at the time they were manufactured). The development of the work includes the preparation of an analysis form created specifically for this TCC, also for carrying out archaeometric measurements in the Laboratório Interdisciplinar de Química (ICL), do Curso de Química da UFPI, using techniques such as XRF, USB optical magnification microscope up to 400x and precision balance; bibliographical research on laws and resolutions that explain the characteristics with which the pieces must be manufactured and analyze the work in the archaeological sites where they were found. By gathering all this information, I was able to collect several aspects that will allow me to trace the biography of the coins and help them to tell their own stories.

Keywords: History; Life; Coins; Biography; Archaeology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Equipamento de Fluorescência de Raios-X (FRX) utilizado nas análises.....	11
Figura 2 – Demonstração da localização do Anverso e Reverso da Moeda C.	15
Figura 3 – Parte da moeda onde indica a letra monetária: moeda A (MAP) e a moeda E (NAP) apresentam a letra R, fazendo referencia ao Estado do RJ.	30
Figura 4 - Fachada da antiga casa da moeda do Brasil, que hoje pertence ao Arquivo Nacional, funcionando como o Museu da Casa da Moeda do Brasil, atualmente.....	30
Figura 5 – Processo de cunhagem de moedas a marteladas.	32
Figura 6 - Prensa de cunhagem em fuso francesa de 1831 (Museu Arqueológico Nacional, Madrid, Espanha)	33
Figura 7 - Prensa de cunhagem em fuso da Casa da Moeda de Cuyabá, presente no Museu Histórico Nacional.	33
Figura 8 – Etapas do processo de criação de uma moeda por cunhagem mecânica: 1) Arte da moeda feita por um artista, 2) Cunho feito em escala maior em um molde de cera, 3) Inspeção e retoques finais no cunho, 4) Discos em “branco” prontos para ser cunhados, 5) Moeda recém-cunhada	35
Figura 9 - Etapas do processo de criação de uma moeda por cunhagem mecânica: 1) Arte da moeda feita por um artista, 2) Cunho feito em escala maior em um molde de cera, 3) Inspeção e retoques finais no cunho, 4) Discos em “branco” prontos para ser cunhados, 5) Moeda recém-cunhada	35
Figura 10 -- Prensa Schuler (Alemanha, 1937), movida a eletricidade, importada pelo Brasil e responsável pela cunhagem das moedas brasileiras entre 1937-1973 (Museu de Valores do Banco Central, Brasília, Brasil)	36
Figura 11 - Prensa moderna.....	36
Figura 12 – Releitura do fluxograma de Schiffer (1972), sobre o Contexto Arqueológico e Contexto Sistêmico, feito por Tessaro (2014)	37
Figura 13 - Foto do anverso e reverso da moeda E, a imagem feita por um microscópio óptico USB do furo na moeda com ampliação de 30x.	42
Figura 14 – Moedas citadas no trabalho de Lima, Souza e Sene (2014), sendo elas: uma moeda de 20 réis, datada de 1803, emitida pela Casa da Moeda de Lisboa, com uma perfuração quadrada próxima ao centro (canto superior direito); uma moeda sem data de origem desconhecida com uma perfuração oval em direção à borda (canto inferior esquerdo); uma moeda de 10 réis, datada de 1818, emitida pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro (centro inferior); uma moeda de 10 ou 20 réis, datada entre 1818 e 1823, de cunhagem desconhecida, com um furo no centro (canto inferior direito). Artefatos descobertos no sítio do Cais do Valongo	45
Figura 15 - Oferta aos Exus e ciganos, sendo eles: Zé pelintra e Cigana do Oriente, que na religião de matriz africana são retratadas como entidades que tinha grande influência com jogos, ganhos e ouro	46
Figura 16 – Anverso e reverso, das moedas A e B, respectivamente.....	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ficha de análise de moedas.....	6
Tabela 2 – Quadro Explicativo da ficha de análise	8
Tabela 3 – Síntese de alguns dos dados levantados das moedas sobre seu nascimento	14
Tabela 4 – Parte das moedas que indicam o ano em que elas foram cunhadas: 1) moeda A, ano de 1825, 2) moeda B, não identificado, 3) moeda C ano de 1987, 4) moeda D, ano de 1869; e 5) moeda E, ano de 1822	15
Tabela 5 – Parte das moedas que indicam o valor monetário: 1) moeda A, valor 20 réis, 2) moeda B, não identificado, 3) moeda C, valor de 20 centavos, 4) moeda D, valor de 10 réis, 5) moeda E, valor de 20 réis	16
Tabela 6 – Moedas, material e seus respectivos Avisos, Decretos e Portarias... ..	17
Tabela 7 – Elementos pictóricos e textuais das moedas... ..	20
Tabela 8 - Elementos pictóricos e textuais das moedas.....	20
Tabela - 9 Local de nascimento das moedas.....	29

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fases da vida de uma moeda	39
Quadro 2 – Fluxos entre as fases de vida	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 METODOLOGIA.....	4
3. HISTÓRIA DE VIDA DAS MOEDAS... ..	11
3.1 Nascimento (quando, onde, como e o contexto histórico-político).....	14
3.1.1 Quando (ano de nascimento).....	14
3.1.2 Contexto histórico-político de nascimento.....	27
3.1.3 Onde (local de nascimento).....	29
3.1.4 Formas de nascimento (técnica de cunhagem).....	31
3.2 Fases de vida das moedas.....	37
3.3 Carreira	40
3.4 Aposentadoria e outras carreiras: o que muda após envelhecer?	42
4 AGÊNCIA DAS MOEDAS.....	46
5 AS MOEDAS DA UFPI E OS SÍTIOS ONDE FORAM ENCONTRADAS.....	47
5.1 Fazenda Grande (PI) e Fazenda São Domingos (PI).....	47
5.2 Sítio Seu Bode (PI) e Pedra do Ingá (PB).....	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE A – Ficha de análise das moedas.....	58

1 INTRODUÇÃO

A Arqueologia e a Numismática possuem uma relação que remonta à afirmação da disciplina arqueológica enquanto ciência e as moedas são um importante objeto de estudo dessas áreas (Burström, 2019). As moedas têm sido particularmente úteis para estudos arqueológicos de maneiras distintas e, em algumas circunstâncias, tiveram um impacto decisivo na história da Arqueologia. Em 1820, por exemplo, Christian Jürgensen Thomsen utilizou seus conhecimentos sobre numismática para ordenar as coleções arqueológicas dispostas no Museu Nacional de Copenhague, propondo, a partir de então, a Teoria das três idades, que impactou o pensamento arqueológico Ocidental nos anos seguintes (Trigger, 1989, p.95).

Existe, ainda, um conjunto de trabalhos arqueológicos sobre moedas cujo enfoque é entender as particularidades físico-químicas destes vestígios, são os estudos arqueométricos, que apresentam quais são os materiais dos quais elas são feitas (tipos de ligas metálicas) e, em alguns casos, como foram produzidas, entre outras informações (Martin, 2013; Guerra *et al.*, 2007).

Para além da Arqueometria, as moedas também despertam interesse de historiadores e colecionadores. De modo geral, trabalhos históricos cujo objeto de pesquisa são moedas voltam-se para o estudo do sistema monetário e de trocas em um contexto determinado (Carlan, 2014). Entusiastas e colecionadores também as utilizam como objetos de curiosidades a serem exibidas em Museus ou em acervos particulares (Centeno, 2009).

Contudo, diferindo das perspectivas anteriores, nesta pesquisa procuro demonstrar que as moedas têm possibilidades analíticas e interpretativas alternativas às já expostas. No meu trabalho, parto do pressuposto que cada moeda tem sua história de vida e que elas mesmas podem contar essas histórias, ou seja, meu objetivo é criar uma biografia das moedas e as utilizar como personagens principais deste trabalho. Assim, entendo as moedas não só como ferramentas para datação, fazer tipologias ou serem exibidas como relíquias de colecionadores ou de Museus, mas como “coisas” que ativamente participam do processo histórico, conforme as relações contextuais que elas estabelecem.

Assim como Miller (2010), estou utilizando o termo coisa e não objeto, artefato ou cultura material. Isso se deve porque o termo “coisas” compreende a agência dos materiais, enquanto os outros confere a estes passividade. Funari (1988) afirma que

os artefatos são itens produzidos pelo ser humano, ou seja, eles são produtos da ação humana, não participam da ação. Já o termo cultura material compreende a existência de uma cultura imaterial, separando conceitos (material e imaterial) que não deveriam estar dissociados, posto que imbricados, conforme afirma Tilley (1993).

Miller (2010) também aborda o que ele denomina de *Humildade das coisas*, a fim de explicar como as coisas, imperceptivelmente, impõem suas vontades sobre as pessoas. Quanto mais invisíveis são suas influências, mais elas são eficazes em influenciar as pessoas. De modo geral, as coisas fazem de nós as pessoas que somos.

Coisas, veja bem, não coisas individuais, mas todo o sistema de coisas, com sua ordem interna, faz de nós as pessoas que somos. Elas são exemplares em sua humildade, sem nunca chamar atenção para o quanto devemos a elas. Apenas seguem adiante em sua empreitada. Porém, a lição da cultura material é que, quanto mais deixamos de notá-la, mais poderosa e determinante ela se mostra. Isso propicia uma teoria da cultura material que dá aos trechos muito mais significado do que se podia esperar (Miller, 2010, p. 83).

Ao assumir a agência das coisas, Miller (2010) afirma que a relação que as pessoas têm com as coisas é de influência mútua, isto é, as pessoas afetam as coisas e as coisas também afetam as pessoas. No texto, o autor dá como exemplo os casos da relação entre humanos e roupas/indumentárias ou moradias/abrigo/casa. Irei me ater a sua explicação sobre o uso do Sari para explicar como se explica a agência da materialidade. O Sari, tipo de vestimenta indiana, é um tecido sem costura, em geral, de seis metros, que fica enrolado sobre o corpo da mulher, já o Pallu, que é uma das partes do Sári, caracteriza-se por uma ponta que é usualmente solta e mais firme da vestimenta, que precisa ser maleável e trazer segurança para quem o veste. O Pallu fica disposto sobre o ombro e tem caimento até a cintura, de forma funcional e simbólica, é um item bem importante para a vida doméstica feminina, funciona como uma espécie de terceira mão, para pegar panela quente, para limpar óculos e guardar dinheiro. Também é importante na relação de mãe e filho, porque é usado para limpar resíduos de leite nos lábios do bebê e é utilizado para segurar a criança, ou seja, para o filho, o Pallu se torna literalmente uma encarnação física do amor de sua mãe. O Sari também ajuda a mulher indiana a ser sensual, sendo um item utilizado por elas para flertar com seus parceiros e se torna até uma peça íntima, que só quem tem muita proximidade pode tocá-lo. Assim, o Pallu é mais do que um objeto sem vida, ele participa das relações sociais, tem agência sobre elas.

Tendo como premissa essas reflexões e às incluindo no meu estudo, entendo que as moedas possuem agência e uma história de vida, a qual, conforme disse anteriormente, tentarei apresentar neste trabalho.

Na perspectiva de analisar a biografia das moedas, dialogo com o trabalho de Kopytoff (2008), onde ele propõe uma biografia cultural das coisas, ou seja, a partir de dados biográficos dedicados ao ciclo de vida das coisas, é possível fazer perguntas semelhantes às que se fazem para pessoas, a fim de compreender de onde as coisas vêm, ou melhor, onde as coisas nasceram, qual foi sua carreira, qual o papel que elas desempenharam quando se aposentam, etc. O autor também sugere questionar qual carreira que as pessoas consideram ideal para cada tipo de coisa; quais são as idades ou fases da vida reconhecidas de uma coisa; quais são os mercados culturais para elas e como a velhice de uma coisa modifica a sua utilidade e significado. Essas e outras perguntas direcionaram minhas análises das moedas.

Cada uma das moedas que analisei passou por momentos na vida como qualquer outro indivíduo, tiveram seu nascimento (cunhagem), sua trajetória de vida e carreira (circulação e usos para compra e venda), sua velhice ou aposentadoria (quando foram deixadas fora de circulação), e, em alguns casos, assumiram outras carreiras, sendo a velhice um fator que lhes agregou ainda mais valor (é o caso, por exemplo, de moedas utilizadas para exposições em museus ou itens guardados em reservas técnicas de Arqueologia ou ainda reciclagem de moedas, como as que viram pingentes, alianças e, por fim, àquelas guardadas e vendidas por colecionadores etc). Nesse estudo não irei me atentar às moedas que são consideradas raras e de alto valor histórico e/ou monetário, normalmente valorizadas pelos Museus e colecionadores, como moedas romanas, etruscas e de outros períodos clássicos. Meu interesse se dá pelas moedas brasileiras, pouco estudadas por serem de um período mais recente da história e que, muitas vezes, não tem um valor de raridade, pois são encontradas, até com uma certa facilidade, em sites de compra e venda na internet, despertando, inclusive, interesse de seu uso para a confecção de joias¹. Eu me refiro, especificamente, as moedas encontradas em sítios arqueológicos piauienses e paraibano, que estão salvaguardadas nas Reservas Técnicas do Museu de

1 Exemplo de website que trata da compra e venda de jóias feitas a partir de moedas antigas: WD Joias. Saiba Mais Sobre o Metal Moeda Antiga. [S.l.]: WD Joias, 2013-2015. Disponível em: <https://www.wdjoias.com.br/>). Acesso em: 28 nov. 2023.

Arqueologia e Paleontologia (MAP) e do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP), ambos da UFPI, conforme irei explicar a seguir.

2 METODOLOGIA

No desenvolvimento do meu trabalho tenho me deparado com um conjunto de questionamentos que foram surgindo com as leituras, fichamentos e na discussão de textos, as incorporei como perguntas que esta pesquisa visa debater, são elas: por que tornar as moedas protagonistas da sua própria história? De onde vem as moedas? Como elas nasceram? Quando nasceram? Qual foi sua carreira até aqui e qual carreira que as pessoas consideram ideal para elas? Quais são as fases de vida de uma moeda? Quais são seus mercados culturais? As moedas mudam de profissão quando ficam mais velhas? O que acontece quando elas se aposentam e ou envelhecem ? Para desenvolver a pesquisa e debater essas perguntas, utilizarei as moedas, em si, como fonte de informação, mas também documentos escritos oficiais como decretos, alvarás, portarias e outros, pois acredito que as diferentes fontes são importantes para o enriquecimento do meu trabalho. Conforme Lima (2002, p. 7-23), a partir do confronto de diferentes fontes de informações, um terceiro viés é acessado, nem só escrito e nem só material, mas resultado dessa integração e suas múltiplas possibilidades no fazer arqueológico

A perspectiva que pretendo me debruçar traz um discurso arqueológico mais amplo, nele, as moedas não são apenas documentos históricos e objetos arqueológicos, mas autores de suas biografias. Rastreando sua história, é possível observar, também, diversos aspectos da sociedade em que estão inseridas (Kemmers e Myrberg, 2011). Conforme especificado anteriormente, irei analisar moedas que tem pouco destaque para colecionadores, mas que são significativas do ponto de vista arqueológico, me refiro as moedas comuns, encontradas em sítios arqueológicos piauiense e paraibano, recuperadas no Acervo do NAP e MAP, ambos da UFPI.

O NAP é um setor ligado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí, foi instituído em 1978 por iniciativa da pesquisadora Niède Guidon. A finalidade do NAP é desenvolver atividades no âmbito da pesquisa, do ensino e extensão, ligados às áreas de Arqueologia e Ciências afins. Durante as duas últimas décadas atuou de forma direta no levantamento do potencial arqueológico do Estado, resultando no desencadeamento do processo de conscientização relativo à preservação do patrimônio arqueológico, e, por extensão, do natural e do

edificado. Mais de 500 sítios já foram cadastrados nos últimos anos fora da área do Parque Nacional Serra da Capivara. O NAP atua também na conservação dos sítios portadores de registros rupestres (pintura e gravuras) dos Parques Nacionais já instalados no Piauí, bem como nos de outros estados (GO e RN). A filosofia de trabalho do núcleo é pautada na valorização da autoestima do piauiense, na medida em que procura evidenciar, estudar e conservar o rico patrimônio arqueológico de que é detentor o estado do Piauí visando, assim, auxiliar na abertura de novas formas de desenvolvimento regional. Nessa mesma linha o NAP integra alunos provenientes de diferentes cursos da UFPI que, de maneira interdisciplinar, têm contato com a pesquisa

2

arqueológica (UFPI, 2019) .

Atualmente, o **NAP** tem recebido diversas coleções frutos de trabalhos de salvamento arqueológico realizados no Estado do Piauí e, entre estes, inclui-se acervos coloniais e pré-coloniais.

O **MAP** foi criado em 2012 como órgão complementar da Universidade Federal do Piauí, ele se caracteriza como um instituto de pesquisa interdisciplinar. Desde a sua fundação, tem como foco o estudo da Arqueologia, Paleontologia e ciências afins. Além de realizar exposições temáticas, atua como local de pesquisas (acadêmicas e de licenciamento ambiental) e guarda de acervo.

As frentes de estudo contempladas são frutos de endossos institucionais a trabalhos de contrato e decorrentes de pesquisas acadêmicas realizadas pelos nossos membros. Com o objetivo de potencializar a interação da sociedade com a produção técnica, científica e cultural da UFPI, o MAP consolida a proposta de articulação entre os diferentes saberes e áreas, possibilitando a construção do conhecimento dentro do espaço que disponibilizamos. Atualmente, apresentamos um ambiente expositivo principal que expõe vestígios arqueológicos e paleontológicos. A exposição de Arqueologia permite que o visitante observe, de perto, utensílios e manifestações artísticas produzidas há muitos anos pelos seres humanos. Na área Paleontológica é possível acompanhar um resumo de como a biodiversidade se modificou na Terra desde os primórdios até os dias atuais. O museu recebe, também, exposições itinerantes acerca de várias temáticas. A nossa estrutura conta com auditório e área educativa, os quais são utilizados para a realização de atividades como cursos, palestras e oficinas.

3

(UFPI, 2019) .

A minha pesquisa demandou um levantamento do acervo dessas instituições, identificando caixas de materiais que continham moedas e as associando aos sítios piauienses, projetos de pesquisa, pessoas e instituições responsáveis pela coleta do material e estado de conservação delas.

2 Trecho retirado do website <https://ufpi.br/de/75-ufpi/atividades-ufpi/pesquisa-ufpi/116-nucleos-relacionados>, acessado em 15 fev. 24.

3 Trecho retirado do website: <https://ufpi.br/historico-map>, acessado em 16 Mai 24.

Para debater as perguntas propostas no início deste capítulo, criei uma ficha de análise (Tabela 1) e um Quadro explicativo (Tabela 2), com os seguintes atributos:

Tabela 1 – Ficha de análise de moedas

FOTO DA MOEDA	
ANVERSO	REVERSO
DADOS DE COLETA	
Instituição: Município: Sítio: Unidade de escavação: Projeto: Responsável: Local de armazenamento:	
DADOS BIOGRÁFICOS DA MOEDA	
Nº registro: Nome da peça: Padrão monetário: Nascida por qual decreto: Valor: Ano de nascimento: Idade: Local de nascimento: Característica especial: Quantidade de irmãs:	

Marcas de reutilização:
DESCRIÇÃO DETALHADA DA MOEDA
Anverso: Reverso: Outras observações:
ANÁLISES ARQUEOMÉTRICAS
Peso: Diâmetro: Espessura: Tipo de material: Técnica de manufatura: Grau de conservação:
Descrição do sítio onde foi encontrada

Fonte: Própria Autoria

Tabela 2 - Quadro Explicativo
Ficha de análise biográfica das moedas

(foto da moeda, frente e verso)	Dados de coleta					
	1	2	3	4	5	6
	Instituição	Município	Sítio	Projeto	Responsável	Local de armazenamento
	Local no qual a moeda se encontra salvaguardada. No caso, MAP ou NAP.	Município no qual a moeda foi recuperada	Sítio no qual a moeda foi recuperada	Título do projeto no qual a moeda foi recuperada.	Responsável pelo preenchimento da ficha	Compartimento onde a moeda se encontra armazenada na reserva técnica

Dados biográficos da moeda	Tombo da peça	Nº registro	7
	Nome atribuído à moeda no momento da análise	Nome da peça	8
	Padrão monetário vigente quando a moeda está em circulação	Padrão monetário	9
	Ano em que a moeda foi fabricada	Ano de nascimento	10
	Quantidade de anos desde que a moeda foi fabricada	Idade	11
	Valor monetário de fabricação	Valor	12
	Lei pela qual foi decretada a fabricação da moeda	Nascida por qual decreto	13
	Quantidade de moedas produzidas iguais	Quantidade de irmãs	14
	Local onde a moeda foi produzida	Local de nascimento	15
	Descrição da parte da frente da moeda onde existe, normalmente, o soberano, o valor e a data	Anverso	16
	Descrição da parte de trás da moeda, onde existe normalmente os brasões, como armas e símbolos do soberano	Reverso	17
	Descrição de alguma característica que torne a moeda única, como moedas produzidas para datas comemorativas	Característica especial	18
	Marca que indique alguma modificação que foi feita durante ou depois da utilização da moeda	Marcas de reutilização	19
		Outras observações	20

Análises arqueométricas		
21	Peso	Em gramas
22	Comprimento	Em milímetros
23	Largura	Em milímetros
24	Espessura	Em milímetros
25	Tipo de material	Metal em que a moeda foi confeccionada, como por exemplo: Aço inoxidável, cobre, ouro, prata, bronze-alumínio, cupro-níquel etc.
26	Técnica de manufatura	Técnica em que a moeda foi confeccionada, como por exemplo: prensa, molde, cunhagem, martelada (forja), balance, processo de cunhagem industrial.
27	Grau de integridade	Quantidade de informações passível de investigação, variando entre: Bom: Regular: Ruim:

Fonte: Própria Autoria.

Além do estudo macroscópico das peças, também realizei exames arqueométricos para enriquecer mais ainda minha pesquisa. Utilizando técnicas associadas a Química, busquei identificar o tipo material (liga metálica) das moedas, analisar marcas de cunhagem ou de reciclagens, além de medições mais detalhadas. Uma das técnicas utilizadas foi a Fluorescência de Raios-X (FRX), consiste em uma técnica não destrutiva que permite a identificação da composição e concentração de elementos presentes em uma amostra (UFG, 2024)⁴. Como técnica de exame a partir do Microscópio portátil, que possui um aumento de até 400 vezes, pude observar detalhes não perceptíveis a olho nu e, por fim, complementando as medidas, também utilizei uma balança de precisão, que conta com quatro casas decimais e um paquímetro, a fim de auferir o diâmetro, espessura, comprimento e largura.

Figura 1 – Equipamento de Fluorescência de Raios-X (FRX) utilizado nas análises.



Foto Vitor Hugo Lopes dos Santos, 11/11/2024.

3. HISTÓRIA DE VIDA DAS MOEDAS

⁴ Informação retirada do website: <https://fisica.jatai.ufg.br/p/19497-fluorescencia-de-raios-x>: Acesso em: 12 Dez. 2024.

Após aplicar a ficha de análise e realizar os exames arqueométricos, busquei traçar a história de vida das moedas existentes nas Reserva do MAP e do NAP da UFPI, com o total de 5 moedas levantadas. O trabalho me permitiu levantar informações que partiram das próprias moedas, as quais sistematizei em dados sobre as suas trajetórias de vida. Nesse sentido, pretendo contar suas histórias a partir dos tópicos: nascimento (informando quando, onde e como nasceram), carreira (as ocupações que as moedas tiveram durante a vida), fases de vida (incluindo etapas desde o nascimento, circulação, aposentadoria e novas carreiras), usos após envelhecer (discutindo de forma aprofundada a etapa da vida após terem sido descartadas e assumiram outros fins que não monetários ou de troca comercial) e outras informações. As fichas preenchidas com dados de cada uma das moedas analisadas podem ser observadas no apêndice.

A primeira etapa deste trabalho foi localizar e identificar quantas e quais eram as moedas que estavam nos acervos arqueológicos localizados na UFPI. No MAP fui assistido pelo assistente administrativo Francisco José de Sousa Filho, que me recebeu na sala localizada próxima a Reserva Técnica, onde pude realizar as análises das moedas. E no NAP fui assessorado pelo terceirizado Me Bruno Mesquita Santos, que me recebeu na sala da biblioteca da instituição, onde realizei as análises. Enquanto realizava o preenchimento da ficha de análise, também realizei o registro fotográfico das peças e colhi informações sobre a procedência das peças das caixas que estavam armazenadas. Após isso, busquei outras informações adicionais em bibliografias associadas aos sítios em que foram recuperadas, o que inclui os seguintes textos:

- BORGES, Jóina Freitas. A história negada: em busca de novos caminhos. Jóina Freitas Borges – Teresina: FUNDAPI; 2004. - Para a moeda recuperada no sítio Seu Bode (Moeda D, com número de registro 003).
- BORIM JÚNIOR, Waldir. Sabores e Dissabores: olhares sobre a cultura material da Fazenda São Domingos (José de Freitas, Piauí). Dissertação (Mestrado em Arqueologia) — Teresina: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia,

Universidade Federal do Piauí, 2016. - Para a moeda recuperada no sítio Fazenda São Domingos (Moeda C, com número de registro SD2106).

- NASCIMENTO, Ana Luísa Meneses Lage do. MÚLTIPLAS VOZES NA PEDRA DO INGÁ: ouvindo narrativas paralelas / Ana Luísa Meneses Lage do Nascimento. Orientadora: Tania Andrade Lima. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Rio de Janeiro, 2015. - Para a moeda recuperada no sítio Pedra do Ingá (Moeda E, com número de registro 269).

- ZANETTINI Arqueologia. Programa De Gestão Do Patrimônio Arqueológico Linha De Transmissão De Energia Elétrica 500 Kv Nova Olinda. Municípios de Ribeira do Piauí e São João do Piauí Estado do Piauí. Zanettini Arqueologia. 2018. - Para as moedas recuperada no sítio arqueológico Curtume (Moeda A e B, com números de registro 180 e 1989).

Enquanto preenchia a ficha e após o seu preenchimento, completei informações com textos que apresentam dados contextuais sobre coleções de moedas brasileiras desde o Brasil Colônia até o ano de 2008, sendo eles:

- AMATO, Claudio; NEVES, Irlei S.; RUSSO, Arnaldo. Livro de moedas do Brasil. São Pulo: Editora e Gráfica Stampato, 12ª edição, 2008.

- CAFFARELLI, Eugênio. Vergara. As moedas do Brasil: desde o Reino Unido 1818-2000. 2. ed., rev., atual. e ampl. São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2002.

Os exames arqueométricos foram realizados no Laboratório de Química (ICL) - UFPI, sob a supervisão do prof. Dr. Benedito Farias Filho, nos meses de novembro e dezembro, e estiveram associados a atividades que desenvolvi durante o estágio obrigatório do Curso, sob a supervisão deste professor.

3.1. Nascimento (quando, onde, como e o contexto histórico-político)

A tabela 3 sintetiza alguns dos dados levantados sobre o nascimento das moedas. Nesta foram compiladas as informações: nome da moeda, sítio onde foi recuperada, instituição de guarda, ano, local e como ocorreu o nascimento. Estes dados serão explicados individualmente em tópicos seguintes.

Tabela 3 – Síntese de alguns dos dados levantados das moedas sobre seu nascimento.

Nome	Sítio, Cidade, Estado	Instituição	Data de nascimento	Local de nascimento	Como nasceram
A	Curtume (Fazenda Grande), São João do Piauí - PI	MAP	1825	RJ	Cunhagem por prensa de fuso
B	Curtume (Fazenda Grande), São João do Piauí - PI	MAP	1823 - 1830	Não identificado	Cunhagem por prensa de fuso
C	Fazenda São Domingos, José de Freitas - PI	MAP	1987	Possivelmente RJ	Cunhagem mecânica
D	Seu Bode, Luís Correia - PI	NAP	1869	Possivelmente RJ	Cunhagem por prensa de fuso
E	Pedra do Ingá, Ingá - PB	NAP	1822	RJ	Cunhagem por prensa de fuso

Fonte: Própria autoria

3.1.1 Quando (ano de nascimento)

As informações acerca de quando ocorreu o nascimento das moedas podem ser apreendidas nas próprias moedas, identificando o ano cunhado em alto ou baixo-relevo no anverso ou reverso. Lembrando que o anverso é a parte da moeda em que se encontra geralmente o valor da moeda e o reverso é a parte da moeda que apresenta, geralmente, bustos, brasões e outros símbolos que dizem respeito ao governo vigente.

Figura 2 – Demonstração da localização do Anverso e Reverso da Moeda C.



Foto Vitor Hugo Lopes dos Santos, 12/06/2024.

Tabela 4 – Parte das moedas que indica o ano em que foram cunhadas: 1) moeda A, ano de 1825, 2) moeda B, não identificado, 3) moeda C, ano de 1987, 4) moeda D, ano de 1869 e 5) moeda E, ano de 1822.

DATAÇÃO DAS MOEDAS				
				
MOEDA A 1825	MOEDA B Não identificado	MOEDA C 1987	MOEDA D 1869	MOEDA E 1822

Foto Vitor Hugo Lopes dos Santos, 03/06/2024.

A moeda A (20 réis) nasceu no ano de 1825, a moeda B (presumivelmente de 80 réis) nasceu provavelmente entre os anos 1823 – 1830 e a moeda C (20 centavos) nasceu em 1967, já as moedas D e E (10 réis e 20 réis) nasceram em 1869 e 1822, respectivamente.

Conforme se pode observar pelas imagens, a moeda B está fragmentada e por isso, não se encontra explícito seu ano, local de nascimento e valor. No entanto, outros elementos presentes na peça permitiram inferências acerca destes elementos. Analisando elementos pictóricos e textuais presentes no anverso e reverso do fragmento, acredito que esta moeda possa ter sido produzida entre 1823 e 1830.

No anverso da moeda B estão presentes representações de um trevo de quatro folhas em alto relevo, uma estrela em cada um de seus lados (total de duas), um anel de flores do tipo tulipa e na borda a legenda “(...) OST.IMP.ET.PF (...)” que é uma

abreviação de: “Petrus I dei gratia constitucionalis imperator et perpetus Brasiliae defensor” (Pedro I por graça de Deus imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil). No reverso da moeda B percebe-se, ao centro, uma coroa em alto relevo vazada, a qual possui, na parte superior, um símbolo que não foi possível precisar se é um círculo ou uma estrela, na borda da moeda é identificável as letras “(...)CSIGNOV(..)”, que fazem parte da legenda ‘IN HOC SIGNO VINCES’ (Com este sinal vencerás). Estas informações descritivas da peça sugerem que ela foi produzida durante o Brasil Império, no período de 1822 a 1831, visto a menção a Pedro I. Além disso, o Decreto de 21 de julho de 1823 e a Portaria nº 128 de 22 de agosto de 1823 descreve que moedas fabricadas entre 1823 e 1831, no valor de 80 reis, deveriam ter estas características pictóricas e textuais no seu anverso e reverso, além de serem feitas em cobre, daí a associação entre a moeda e estas datas.

Tabela 5 – Parte da moeda que indica o valor monetário: 1) moeda A, valor 20 réis, 2) moeda B, não identificado, 3) moeda C, valor de 20 centavos, 4) moeda D, valor de 10 réis, 5) moeda E, valor de 20 réis.

VALOR DAS MOEDAS				
				
MOEDA A 20 Réis	MOEDA B Não identificado	MOEDA C 20 centavos	MOEDA D 10 Réis	MOEDA E 20 réis

Foto Vitor Hugo Lopes dos Santos, 03/062024.

A moeda A, na qual a datação está presente na própria peça, apresenta semelhanças textuais e pictóricas com a moeda B, levando a crer que, possivelmente, elas nasceram pelo mesmo decreto, aproximando, portanto, a data de nascimento das duas. Além disso, ambas as moedas foram recuperadas do mesmo sítio.

Para além de estimar uma datação aproximada para a moeda B, também procedi a identificação aproximada do seu valor, já que esta informação também não estava presente no fragmento analisado. No seu formato atual, ela se caracteriza por 1/4 do seu tamanho original, então, acredito que seu tamanho antes da fragmentação fosse

de 40 mm, que é um tamanho comum nas moedas de 80 réis, conforme o Decreto de 21 de julho de 1823 e a Portaria nº 128 de 22 de agosto de 1823.

Conforme se pode perceber, os decretos pelos quais as moedas foram criadas são outras formas de identificar o ano de nascimento das moedas, no entanto, diferente de quando o ano se encontra na peça, a informação obtida pelos documentos é de um período e não uma data específica.

O material do qual a moeda é feita também é uma informação importante descrita nos decretos e que ajudam a realizar a sua datação. Nesse sentido, as análises arqueométricas me permitem afirmar que a moeda A é composta por uma liga de Cobre(Cu); a moeda B também é formada por uma liga de Cobre(Cu); a moeda C é uma liga que contém Ferro(Fe), Cromo(Cr), e traços de Titânio(Ti), elementos que formam o aço inoxidável; a moeda D é uma liga que contém Cobre(cu), Zinco(Zn), Titânio(Ti) Estanho(Sn), que seria uma combinação de elementos que compõem o Bronze; e a moeda E é uma liga de Cobre(Cu), como podemos observar na Tabela 6 e 7.

Tabela 6 – Moedas, material e seus respectivos Avisos, Decretos e Portarias.

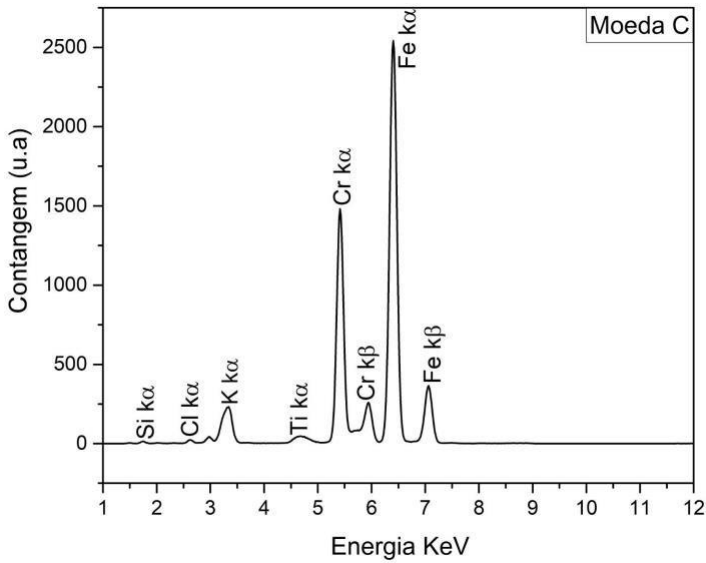
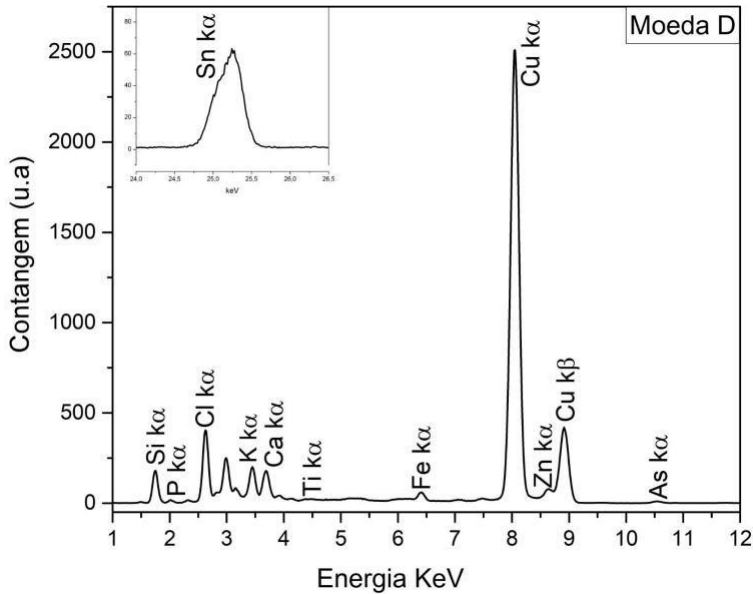
MOEDA	MATERIAL	DIMENSÃO	DECRETO
MOEDA A	Cobre	Diâmetro: 30 mm Espessura: 2 mm Peso: 5,6154 g	Decreto de 21 de julho de 1823 e Portaria nº 128 de 22 de agosto de 1823
MOEDA B	Cobre	Diâmetro provável: 40mm Espessura: 2 mm Peso: 7,504 g Comprimento: 3,6 mm Largura: 26 mm	Decreto de 21 de julho de 1823 e Portaria nº 128 de 22 de agosto de 1823
MOEDA C	Aço Inoxidável	Diâmetro: 30 mm Espessura: 0,2 mm Peso: 2,8513 g	Decreto-Lei nº 2.283 de 27 de fevereiro de 1986 e Resolução nº 1.100, de 28 de fevereiro de 1986
MOEDA D	Bronze	Diâmetro: 21 mm Espessura: 3 mm Peso: 3,5120 g	Decreto nº 4.019 de 20 de novembro de 1867
MOEDA E	Cobre	Diâmetro: 30 mm Espessura: 2 mm	Aviso nº12 de 23 de maio de 1818 e Aviso 1º de junho de 1818

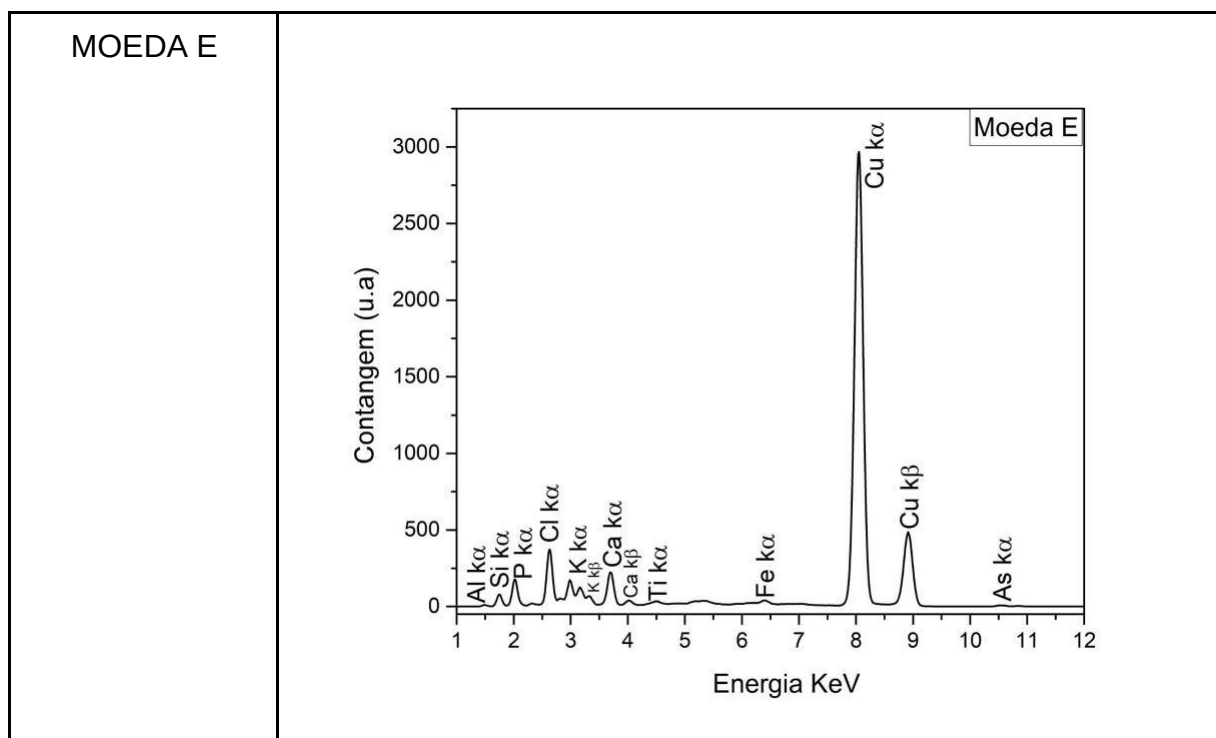
		Peso: 4,7939 g	
--	--	----------------	--

Fonte: Própria autoria

Tabela 7 – Gráficos produzidos através da análise química elementar feitas por FRX

Gráficos produzidos através da análise química elementar com FRX	
MOEDA A	EDS spectrum for sample MOEDA A. The x-axis represents Energy in KeV (1 to 12), and the y-axis represents Counting in arbitrary units (0 to 3000). The spectrum shows several peaks labeled with their corresponding elements and transitions: Al $k\alpha$, Si $k\alpha$, P $k\alpha$, Cl $k\alpha$, S $k\beta$, K $k\alpha$, Ca $k\alpha$, Ti $k\alpha$, Fe $k\alpha$, Cu $k\alpha$, Cu $k\beta$, and As $k\alpha$. The Cu $k\alpha$ peak is the most prominent, reaching a count of approximately 2800.
MOEDA B	EDS spectrum for sample MOEDA B. The x-axis represents Energy in KeV (1 to 12), and the y-axis represents Counting in arbitrary units (0 to 3000). The spectrum shows several peaks labeled with their corresponding elements and transitions: Al $k\alpha$, Si $k\alpha$, P $k\alpha$, Cl $k\alpha$, K $k\alpha$, Ca $k\alpha$, Ti $k\alpha$, Fe $k\alpha$, Fe $k\beta$, Cu $k\alpha$, Cu $k\beta$, and As $k\alpha$. The Cu $k\alpha$ peak is the most prominent, reaching a count of approximately 2800.

MOEDA C	 Moeda C Contagem (u.a) Energia KeV Peaks identified: Si $k\alpha$, Cl $k\alpha$, K $k\alpha$, Ti $k\alpha$, Cr $k\alpha$, Cr $k\beta$, Fe $k\alpha$, Fe $k\beta$.
MOEDA D	 Moeda D Contagem (u.a) Energia KeV Inset: Sn $k\alpha$ Peaks identified: Si $k\alpha$, P $k\alpha$, Cl $k\alpha$, K $k\alpha$, Ca $k\alpha$, Ti $k\alpha$, Fe $k\alpha$, Cu $k\alpha$, Zn $k\alpha$, Cu $k\beta$, As $k\alpha$.

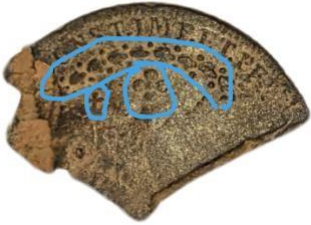


Fonte: Própria autoria

Assim, o decreto de nascimento das moedas define o tipo de material que ela tinha que ser produzida, as características pictóricas e textuais que deveriam conter e as suas medidas (dimensões). A seguir na Tabela 8, apresento uma explicação dos elementos pictóricos e textuais que as cinco moedas analisadas continham, estes foram percebidos nas moedas e complementados pelos decretos.

Tabela 8 – Elementos pictóricos e textuais das moedas

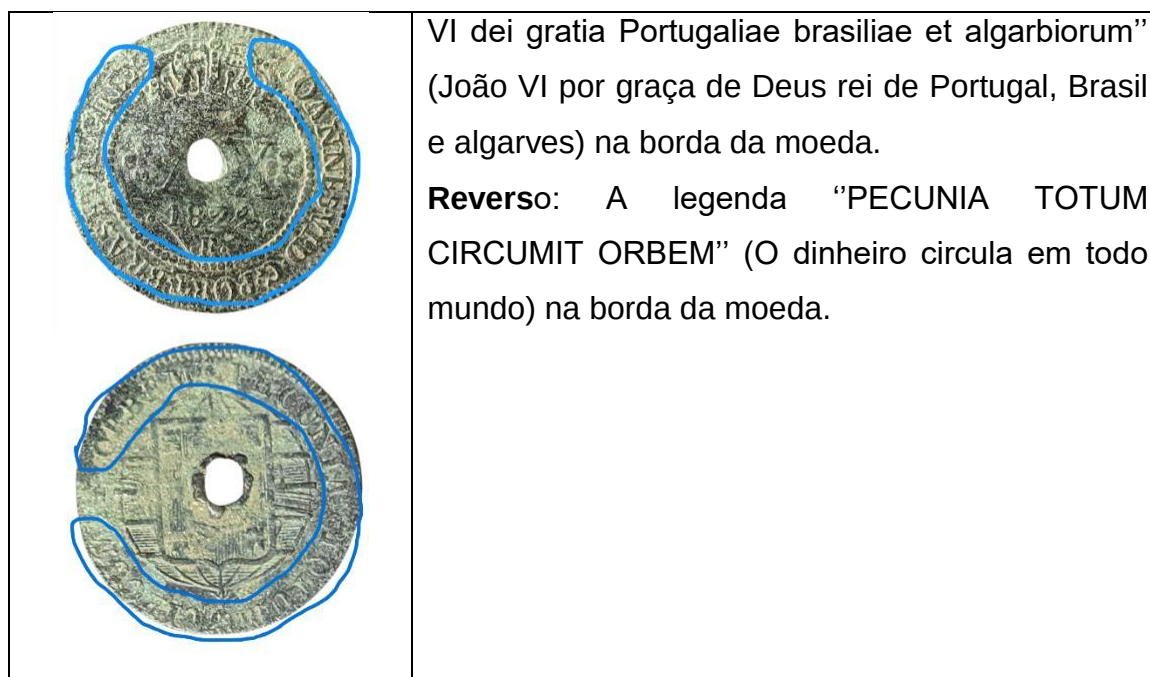
ELEMENTOS PICTÓRICOS E TEXTUAIS DAS MOEDAS	
ELEMENTOS PICTÓRICOS	
MOEDA A 	Anverso: A moeda apresenta, no centro, em alto relevo, o número “20”, o qual se refere ao seu valor. No lado direito e esquerdo do número, encontra-se uma espécie de florete de seis pontas (total de duas), em alto relevo. Em cima e embaixo do número, contém trevo de quatro folhas, também em alto relevo. Nos quatro cantos perpendiculares, a moeda contém quatro trevos de tamanho menor que os 2 anteriores, todos em alto relevo. Esses

	elementos estão circunscritos por um círculo de flores semelhantes a tulipas (total de 20 flores). Reverso: O centro da moeda apresenta o brasão imperial, em alto relevo, que contém a esfera armilar (representação de um globo terrestre), atravessado pelos braços da cruz da ordem de cristo, circunscrito por um anel de estrelas. Em cima do brasão imperial, em alto-relevo, encontra-se, também, uma coroa, que não é nem de espinhos, nem de pérolas, como usualmente são identificadas em manuais de numismática (Amato et al., 2008). Logo em cima da coroa, há uma cruz de tipo latina, na lateral esquerda do brasão há uma folhagem de café com frutos concêntricos e na lateral direita há uma folhagem de tabaco floreado.
MOEDA B  	Anverso: A moeda está fragmentada, contendo 1/4 dela, neste pedaço é visível, na parte mais central, um trevo de quatro folhas em alto-relevo, uma estrela em cada um de seus lados (total de duas), um anel de flores do tipo tulipa. Reverso: No 1/4 da moeda que é visível, percebe-se, no centro, uma coroa em alto relevo vazado, a qual possui uma parte superior um símbolo que não foi possível precisar se é um círculo ou uma estrela.
MOEDA C	Anverso: O centro da moeda contém o número 20, logo abaixo a palavra CENTAVOS e abaixo a data de 1987, acima do número 20 observa-se a palavra BRASIL, em caixa alta, todos esses elementos estão na horizontal, enquanto na borda há um anel

	de pontos. Reverso: No centro da moeda, observa-se o símbolo da república caracterizado por um escudo arredondado apoiado em uma estrela de cinco pontos. No interior deste, nota-se o Cruzeiro do Sul sobre uma espada, em cima da espada a legenda "República federativa do Brasil: 15 de novembro de 1889", ao redor do brasão, na borda há um anel de pontos.
MOEDA D 	Anverso: Ao centro da moeda observa-se o brasão do império arredondado em alto relevo e contém em alto relevo contém a esfera armilar (representação de um globo terrestre), atravessada pelos braços da Cruz da ordem de Cristo, estes elementos estão circunscritos por um anel de estrelas. Na parte de cima do brasão, em alto relevo, nota-se uma coroa e à sua esquerda, observa-se o número 10 (Se referindo ao valor monetário) da moeda e a direita a letra R (Se referindo ao padrão monetário Réis). Reverso: Ao centro da moeda consta o busto do imperador (Dom Pedro II) voltado para a direita, abaixo do busto há o número 1869 entre floretes.
MOEDA E	Anverso: O centro da moeda contém o número romano XX, em alto relevo, à sua direita e à sua esquerda observam-se florões em alto relevo. Na parte de baixo da moeda identifica-se o ano 1822, com um ponto de cada lado, indicando o seu período de produção. Na parte de baixo do ano,

	verifica-se a letra R, em alto relevo, com dois pontos de cada lado. Acima dos algarismos romanos, observa-se uma coroa em alto relevo, a coroa é transpassada e todos os elementos são circundados por uma sequência de pontos Reverso: O centro da moeda contém um brasão do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (uma esfera armilar ao centro, um escudo no estilo francês).
ELEMENTOS TEXTUAIS	
MOEDA A 	Anverso: Existe o seguinte texto: "PETRUS.I.D.G. CONSTIMPET.PER (...) BRA.DEF.1825R" que é uma abreviação de: "Petrus I Dei Gratia Constitutionalis Imperator et Perpetus Brasiliae Defensor" (Pedro I por graça de Deus imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil) na borda da moeda. Reverso: existe o seguinte texto: "IN.(...).O.(...).SIG.NO.VINCES", abreviação de "IN.HOCSIGNO.VINCES" (com este sinal vencerás) na borda da moeda.
MOEDA B 	Anverso: a legenda " (...) OST.IMP.ET.PF(...)" que é uma abreviação de: "Petrus I dei gratia constitutionalis imperator et perpetus Brasiliae defensor" (Pedro I por graça de Deus imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil) na borda da moeda

	Reverso: é identificável as letras (...)CSIGNOV(..), que faz parte da legenda “IN HOC SIGNO VINCES” (Com este sinal vencerás) na borda da moeda.
MOEDA C 	Anverso: a palavra CENTAVOS abaixo do número 20 e a palavra BRASIL na parte superior da moeda, acima do número 20. Reverso: a legenda “República federativa do Brasil: 15 de novembro de 1889” localizado abaixo do brasão da república.
MOEDA D 	Anverso: O número 10 (se referindo ao valor monetário da moeda) a letra R (Se referindo ao padrão monetário Réis), a esquerda e à direita do brasão, respectivamente Reverso: A legenda “PETRUS SECUNDUS DEI GRATIA CONSTITUTIONALIS IMPERATOR ET PERPETUUS BRASILIAE DEFENSOR” (D. Pedro segundo por graça de Deus, imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil)
MOEDA E	Anverso: A legenda “JOANNES VI DG PORT BRAS ET ALG REX XX” abreviação de: Joannes



Fonte: Própria autoria. Fotos Vitor Hugo Lopes dos Santos, 03/06/2024.

Analisando as características das moedas A e B, bem como as informações contidas no Decreto de 21 de julho de 1823 e Portaria nº 128 de 22 de agosto de 1823, é possível notar as semelhanças entre as peças e o descrito nesses dispositivos, sugerindo que nasceram a partir deles. O decreto e portaria definem que todas as moedas nascidas a partir deles sejam de cobre e possuam os seguintes elementos em seu anverso e reverso:

ANVERSO: No centro, dentro de uma grinalda de tulipas, o valor, que está entre quatro florões dispostos em cruz; dois maiores com quatro pétalas cada, sendo um acima e outro abaixo do valor. Os outros dois, menores, com seis pétalas cada, estão ladeando o valor. Os quatro florões estão intercalados por quatro cruzetas. No exergo, também entre cruzetas, a data e a letra monetária. A data é seguida de um ponto. Acompanha a orla a legenda PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF., abreviação de Petrus I Dei Gratia Constitutionalis Imperator et Perpetuus Brasiliae Defensor (Pedro I por graça de Deus Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil).

REVERSO: No centro, as Armas do Brasil Império, estabelecida pelo Decreto de 18 de setembro de 1822, encimadas pela coroa imperial, tendo ao centro a esfera armilar atravessada pelos braços da Cruz da Ordem de Cristo. Entre duas linhas, em círculos concêntricos, dezenove estrelas de cinco pontas representando as Províncias do Brasil. Sustentando o escudo e a coroa, dois ramos, um de café com frutos à esquerda, e outro de tabaco floreado à direita, atados com o Laço Nacional. Acompanha a orla a legenda IN HOC SIGNO VINCES (Com este sinal vencerás) sendo cada palavra separada por uma cruzeta. Há também uma cruzeta no início e outra no final da legenda. A palavra SIGNO é interrompida por um espaço onde aparece a cruz da coroa imperial.

ORLA: Cordão dentado no anverso e no reverso. palavra SIGNO é interrompida por um espaço onde aparece a cruz da coroa imperial.

ORLA: Cordão dentado no anverso e no reverso (CAFFARELLI, 2002, p.40),

A moeda C, nasceu pelo Decreto-Lei nº 2.283 de 27 de fevereiro de 1986 e Resolução nº 1.100, de 28 de fevereiro de 1986, que foi instituída a partir da mudança do plano monetário de cruzeiro para cruzado. Essas normativas determinavam que as moedas passariam a ser produzidas em aço inoxidável e conteriam os seguintes elementos pictóricos e textuais: informar no anverso, ao centro, as Armas da República e, no reverso, no alto, o nome BRASIL, acompanhando a borda em reverso. Ao centro do reverso deveria ser indicado o valor e, na parte inferior, a palavra CENTAVO(S) ou CRUZADO(S), em linha horizontal, seguido do ano da moeda, que, no caso da moeda C, é 1987 (Caffarelli, 2002, p. 224).

A moeda D nasceu pelo Decreto nº 4.019 de 20 de novembro de 1867, que estabelece a cunhagem das moedas de 10 e 20 réis, em bronze, indicando o tipo de material que ela deveria ser feita e as dimensões (peso, espessura, diâmetro). As características das moedas de 10 e 20 réis são: no anverso, ao centro, o busto do Imperador voltado para a direita, acompanha a borda a legenda PETRUS II D. G. C. IMP. ET.PERP.BRAS.DEF. interrompida pela cabeça do Imperador, abaixo do busto, deve estar a data com uma pequena esfera armilar à esquerda, e à direita uma pequena cruz da Ordem de Cristo. No reverso, ao centro, as Armas do Império de forma arredondada com os cantos recortados. À esquerda, o valor, e à direita, Rs, que é a abreviação da palavra réis (Caffarelli, 2002, p.88).

A moeda E nasceu pelo Aviso nº 12 de 23 de maio de 1818 e Aviso 1º de junho de 1818, Aviso n.º 12 de 23 de maio de 1818 e Aviso de 1º de junho de 1818, que estabelecem que as moedas por ele cunhadas deveriam conter as seguintes características: no anverso, ao centro, o valor, abaixo deste, a data entre dois pontos, duas cruzetas ou dois florões. Mais abaixo, quando existe, a letra monetária entre dois pontos, duas cruzetas ou duas estrelas de cinco pontas. Tudo circundado por um anel de pérolas, em número variável, interrompido no alto por uma coroa real. No alto, partindo do lado direito da coroa, acompanhando a borda, a legenda, JOANNES. VI. D.G. PORT. BRAS. E ALG. REX, abreviação das palavras: Joannes VI, Dei Gratia Portugaliae, Brasiliae et Algarbiorum Rex (João VI por Graça de Deus, Rei de Portugal, Brasil e Algarves). No reverso, ao centro, as Armas do Reino Unido, onde as duas

extremidades da esfera separam a legenda em duas partes, tendo escrito à direita PECUNIA TOTUM e à esquerda CIRCUMIT ORBEM (o dinheiro circula em todo o mundo). As duas palavras da direita e as duas da esquerda estão separadas por pontos ou traços, na borda um cordão dentado circundando em cada lado da moeda (anverso e reverso) (Caffarelli, 2002, p.22).

3.1.2 Contexto histórico-político de nascimento

O contexto histórico e político em que as moedas nasceram é possível ser inferido a partir de elementos como data, os brasões e as legendas escritas nas peças, ou seja, os elementos pictóricos e textuais presentes nas moedas (sintetizados na Tabela 8) se referem a quem regia o Brasil naquele momento e como os governantes eram saudados.

Nesse sentido, organizando de forma cronológica, foi possível levantar que os Avisos de n.º 12 de 23 de maio de 1818 e Aviso de 1º de junho de 1818, destacam que as moedas produzidas sob estes decretos deveriam conter o texto JOANNES VI DG PORT BRAS ET ALG REX XX” abreviação de: Joannes VI dei Gratia Portugaliae Brasiliae et algarbiarum” (João VI por graça de Deus rei de Portugal, Brasil e Algarves) (Caffarelli, 2002). Essa informação, quando presente nas moedas, nos permite supor que seu nascimento foi anterior à regência de Pedro I, que se tornou o primeiro Imperador do Brasil, em dezembro de 1822. As moedas cunhadas anteriormente à sua coroação e a “independência” do Brasil, saúdam seu pai, João VI, rei de Portugal e não o príncipe regente do Brasil (Leite, 2010). A moeda E, mais antiga da coleção, associa-se a esse contexto.

O Decreto de 21 de julho de 1823 e a Portaria nº 128 de 22 de agosto de 1823, afirmam que as moedas nascidas por ele deveriam apresentar a legenda “PETRUS.I.D.G. ET. PERP(...)BRA.DEF”, que é uma abreviação de: “Petrus I Dei Gratia Constitutionalis Imperator et Perpetuus Brasiliae Defensor” (Pedro I por graça de Deus imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil) (Caffarelli, 2002). Estas fazem a saudação a Dom Pedro I como o imperador do país, tendo sido cunhadas 1 ano após a Proclamação da Independência. Elas materializam o primeiro padrão monetário brasileiro, que data de 1822-1831, no qual as Armas de Portugal foram substituídas

pelas do Império e acrescentou-se a frase “In hoc signo vinces” (Com este sinal vencerás). Assim, as moedas A e B figuram entre as segundas mais antigas do acervo analisado (Caffarelli, 2002).

O Decreto nº 4.019 de 20 de novembro de 1867 foi emitido sob o reinado de D. Pedro II e as moedas desse período podem ser divididas em três sistemas monetários: primeiro sistema, as moedas emitidas entre 1831 e 1833; segundo sistema, as moedas emitidas entre 1833 e 1848 e; terceiro sistema, as moedas emitidas entre 1849 e 1889 (Caffarelli, 2002). A moeda D associa-se ao Terceiro Sistema Monetário (1849-1889) e representa a última fase de moedas do reinado de Pedro II. Nesse momento, a cunhagem das moedas foi centralizada na Casa da Moeda do Rio de Janeiro e a qualidade das moedas foi aprimorada, sendo abolido o uso da letra monetária (que identifica o local onde as moedas nasceram), por não ser mais necessária, já que todas passam a ser produzidas nesse local (Caffarelli, 2002). Nas moedas desse período, o busto do imperador está retratado com uma feição mais madura, visto que em 1867, ele já tinha 45 anos. Na legenda da moeda consta o texto: “PETRUS SECUNDUS DEI GRATIA CONSTITUTIONALIS IMPERATOR ET PERPETUUS BRASILIAE DEFENSOR” (D. Pedro II por graça de Deus, imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil), o reafirmando como imperador juramentado do país. A moeda D, portanto, data da segunda metade do século XIX e associa-se a este decreto.

O Decreto-Lei nº 2.283 de 27 de fevereiro de 1986 e Resolução nº 1.100, de 28 de fevereiro de 1986 é o mais recente dos analisados, ele se contextualiza em um período no qual o Brasil já era uma República, tendo recentemente mudado do sistema monetário de Cruzeiro para Cruzado. A moeda C está associada a este contexto, e diferente das anteriormente descritas, ela não apresenta nada além das armas, dos brasões e símbolos que remetem à República. Ao centro da moeda, observa-se o símbolo desse sistema de governo, caracterizado por um escudo arredondado, apoiado em uma estrela de cinco pontas. No interior deste, nota-se o Cruzeiro do Sul sobre uma espada, em cima da espada, a legenda “República Federativa do Brasil: 15 de novembro de 1889”, ao redor do brasão, na borda, há um anel de pontos. A moeda C é a mais recente da coleção.

3.1.3 Onde (local de nascimento)

O local de nascimento das moedas pode ser estimado a partir de informações presentes na peça a partir de letras indicando o Estado onde foram produzidas, como consta na Tabela 9. O levantamento realizado sobre este aspecto indicou que o Rio de Janeiro foi o local de nascimento das moedas A e E, por conterem a letra monetária R. No caso da Moeda B, a fragmentação da peça não permitiu estimar essa informação. No caso das moedas C e D, este dado não estava presente na própria moeda e é provável que esta ausência se relacione ao momento no qual elas foram produzidas, posto que a partir do ano de 1868, a produção de moedas se concentrou no Rio de Janeiro e essa informação deixou de ser cunhada.

Tabela 9 – Local de nascimento das moedas

LOCAL DE NASCIMENTO DAS MOEDAS		
MOEDA	LOCAL	FONTE
A	Rio de Janeiro	Caffarelli, 2002
B	Rio de janeiro	-
C	Rio de Janeiro	-
D	Rio de Janeiro	-
E	Rio de Janeiro	Caffarelli, 2002

Fonte: Própria autoria

Figura 3 – Parte da moeda onde indica a letra monetária: moeda A (MAP) e a moeda E (NAP) apresentam a letra R, fazendo referência ao Estado do RJ.



Foto Vitor Hugo Lopes dos Santos, 03/06/2024.

Figura 4 - Fachada da antiga casa da moeda do Brasil, que hoje pertence ao Arquivo Nacional, funcionando como o Museu da Casa da Moeda do Brasil, atualmente.



Fonte: Carvalho/Funarte, 26 jun. 2023. Disponível em: <https://folha.qconcursos.com/n/concurso-casa-da-moeda-2023-reuniao>. Acesso em: 23 nov. 2024.

Assim como moedas cunhadas no Rio de Janeiro recebia a letra R, as cunhadas na Bahia recebiam a letra B, em Minas Gerais recebiam a letra M, em São Paulo as duas letras SP, em Goiás a letra G, em Cuiabá a letra C e em Pernambuco a letra P (Amato et al., 2008).

Conforme informado anteriormente, na segunda metade do século XIX, a produção de moedas passou a se concentrar na casa da moeda do Brasil, localizada no Rio de Janeiro e a letra associada ao Estado não foi mais inserida nas peças, já que todas passaram a ser fabricadas no Rio de Janeiro.

A história da Casa da Moeda no Brasil tem sua raiz na cidade de Salvador, na Bahia, que foi fundada por D. Pedro II, então regente, no ano de 1694. Na ocasião, ele decidiu abandonar as técnicas “rudimentares” das oficinas monetárias brasileiras e usar outras mais “modernas”. A instituição acumula mais de três séculos de existência e, ao longo deste tempo, funcionou em diversos lugares no Brasil, como: Recife / PE (1700 a 1702), Salvador / BA (1694 a 1698 & 1714 a 1830), Vila Rica (atual Ouro Preto) / MG (1725 a 1734), Vila da Cachoeira / BA (1823), no Rio de Janeiro / RJ (1698 a 1700 & 1703 aos dias atuais)⁵ e São Paulo/ SP (1825 A 1829)⁶. Conforme informado anteriormente, sua transferência definitiva para o RJ ocorreu no ano de 1868 e na capital carioca operou em instalações provisórias antes de passar a funcionar em amplo prédio construído no Campo de Santana, atual Praça da República, que hoje pertence ao Arquivo Nacional (Casa da Moeda do Brasil, 2024)⁷.

3.1.4 Formas de nascimento (técnica de cunhagem)

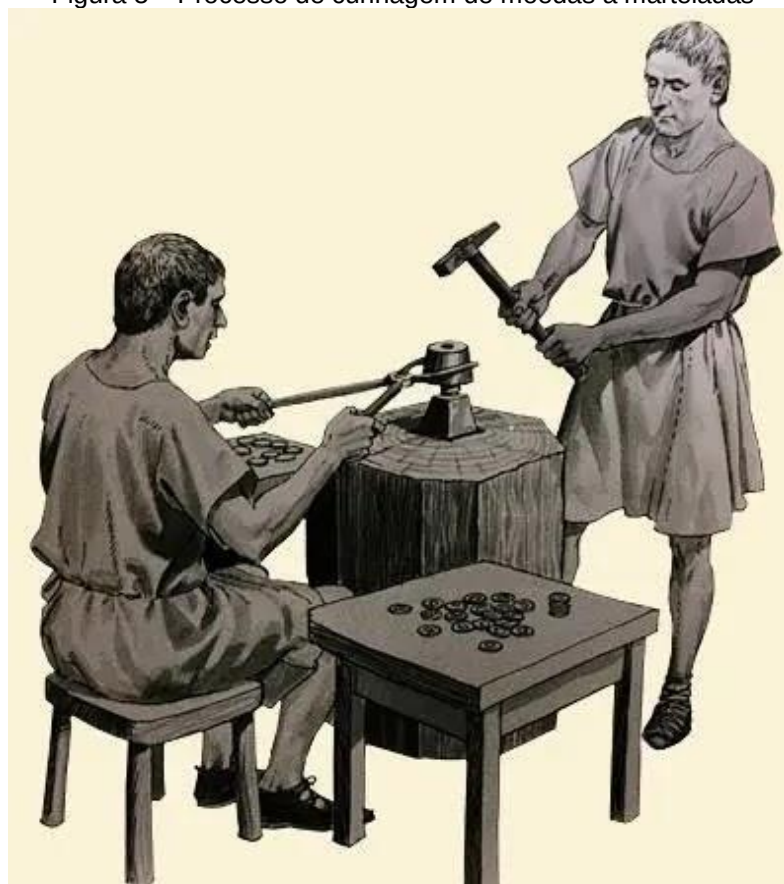
As três principais formas de nascimento das moedas são: cunhagem a martelada, cunhagem por prensa difusa e cunhagem mecânica. No que se refere a este aspecto, pude constatar que 4 moedas das analisadas foram produzidas por cunhagem por prensa de fuso (peças A, B, D e E) e 1 por cunhagem mecânica (moeda C).

⁵ Informação retirada do website: <https://clubedamedalha.com.br/330-anos-cmb>>acesso em: 02.Dez.24.

⁶ Amato et al., 2008, pg 294.

⁷ Informação retirada do website: <https://www.casadamoeda.gov.br/portal/socioambiental/cultural/origem-do-dinheiro.html>> acesso em 17.Dez.24.

Figura 5 – Processo de cunhagem de moedas a marteladas



Fonte: Bulad (2020). Disponível em: <https://collectprime.com/blog/cunhagem-de-moedas-evolucao-dos-processos/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

A **cunhagem a martelada** data de antes da era industrial, esse processo era realizado de forma manual, usava-se um disco de metal disposto sobre uma bigorna e, com o auxílio de outra pessoa, o molde era colocado em cima do disco metálico e marretado. Um dos trabalhadores segurava o molde e o outro batia com o martelo em cima do molde. Como era uma técnica artesanal, poderia acarretar certa imprecisão formal e as moedas ficavam irregulares, contendo elementos pictóricos ou textuais em baixo-relevo que poderiam vazar das suas bordas. Este tipo de técnica é mais comum em moedas gregas (Bulad, 2019), no acervo analisado não foram constatadas moedas produzidas a partir dessa técnica.

Figura 6 – Prensa de cunhagem em fuso francesa de 1831 (Museu Arqueológico Nacional, Madrid, Espanha).



Fonte: Bulad (2020). Disponível em: <https://collectprime.com/blog/cunhagem-de-moedas-evolucao-dos-processos/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

A **cunhagem por prensa de fuso** (também conhecido como Balancim) compreende a utilização de pesado parafuso de ferro que pressionava a moeda metálica na profundidade desejada. Esta técnica se tornou predominante com o advento do mundo moderno, especialmente após o século XVI. Apesar de fazer uso de maquinário, ainda é uma técnica que precisava de várias pessoas para o seu funcionamento. Em relação à anterior, é uma técnica que garante maior uniformidade nas moedas, os elementos pictóricos e textuais podem ficar em alto relevo e vazados e não costumam apresentar tantas imprecisões. Conforme informado anteriormente, as peças A, B, D e E foram fabricadas a partir desta técnica; elas apresentam elementos pictóricos e textuais uniformes, formas perfeitamente redondas e não há decorações ou textos que estejam fora do lugar ou que fiquem com alguma rebarba nas bordas, além de estarem em alto relevo.

Figura 7 – Prensa de cunhagem em fuso da Casa da Moeda de Cuyabá, presente no Museu Histórico Nacional.

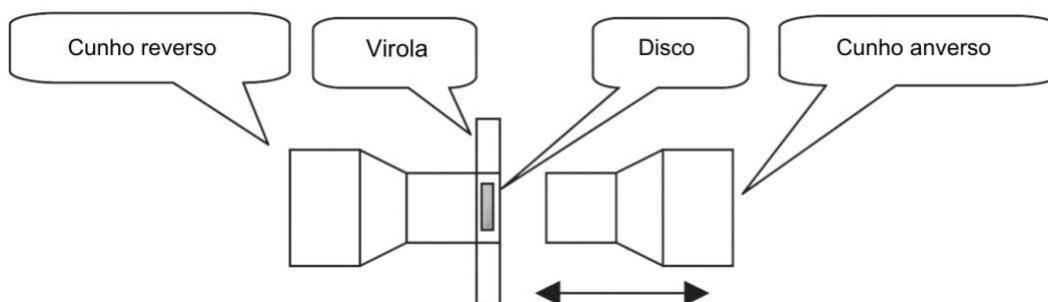


Fonte: Bulad, 2020; Foto: Alexandre Costa. Disponível em: <https://collectprime.com/blog/cunhagem-de-moedas-evolucao-dos-processos/> acesso em: 17.Dez.24.

A **cunhagem Mecânica** começou a ser utilizada desde o começo do século XX, ela garante uma maior automatização e a criação, em grande escala, de moedas perfeitamente uniformes. Com o uso de novas tecnologias, a produção dispensou a presença do trabalhador, o substituindo por máquinas. A moeda C inclui-se entre as produzidas nesta técnica, tendo sido fabricada por máquinas controladas por computador, que trabalham em alta velocidade. Uma prensa atual produz em média 700 moedas por minuto, passa por um processo bastante rigoroso de qualidade, que começa na confecção da arte da moeda, feita por um artista, o qual é transformado em um molde de cera e, em seguida, é reproduzida em um modelo que traça o contorno exato do molde em um cunho matriz, gravado com o mesmo diâmetro da moeda que será produzida, ou seja, o cunho matriz é o cunho que foi criado a partir do molde. O cunho matriz dá origem aos cunhos fêmea, que possuem a imagem em negativo (baixo-relevo) e os cunhos machos, que são em alto-relevo. Feito os cunhos matriz, os discos em branco – discos metálicos, com espessura, diâmetro e peso padrões – são submetidos a prensa matriz, superiores e inferiores, que “carimbam” os desenhos e inscrições em ambos os lados da moeda, simultaneamente. Neste ponto, os discos em branco se tornam moedas, depois que as moedas foram golpeadas pelos cunhos, elas passam por uma inspeção final de qualidade, para verificar se há

falhas, isso pode ser feito manualmente por técnicos qualificados ou automaticamente, através de sensores eletrônicos, que rejeitam peças abaixo do padrão (BULAD, 2020).

Figura 8 - Esquema do conjunto matrizeiro em posição de trabalho na prensa de cunhagem



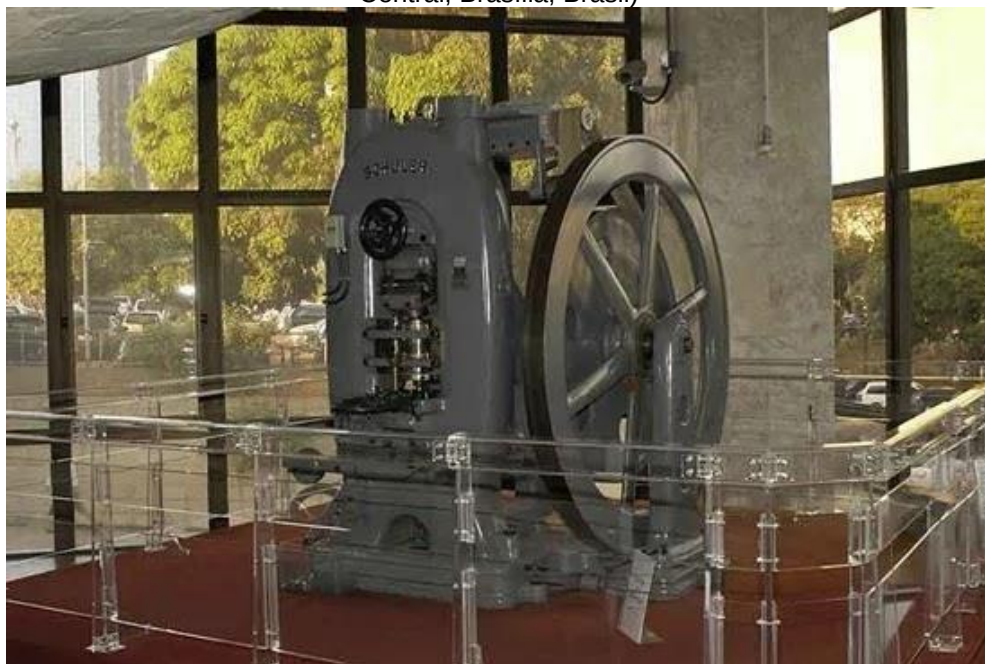
Fonte: Corso (2012, p.54).

Figura 9 - Etapas do processo de criação de uma moeda por cunhagem mecânica: 1) Arte da moeda feita por um artista, 2) Cunho feito em escala maior em um molde de cera, 3) Inspeção e retoques finais no cunho, 4) Discos em "branco" prontos para ser cunhados, 5) Moeda recém-cunhada.



Fonte: Bulad (2020). Disponível em: <https://collectprime.com/blog/cunhagem-de-moedas-evolucao-dos-processos/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

Figura 10 - Prensa Schuler (Alemanha, 1937), movida a eletricidade, importada pelo Brasil e responsável pela cunhagem das moedas brasileiras entre 1937-1973 (Museu de Valores do Banco Central, Brasília, Brasil)



Fonte: Bulad (2020). Disponível em: <https://collectprime.com/blog/cunhagem-de-moedas-evolucao-dos-processos/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

Figura 11 – Prensa moderna



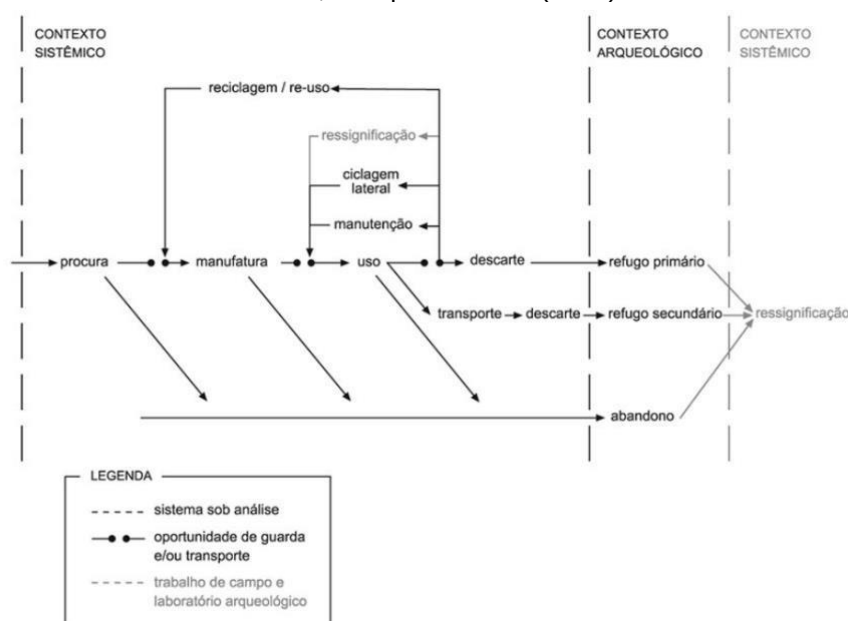
Fonte: Bulad (2020). Disponível em: <https://collectprime.com/blog/cunhagem-de-moedas-evolucao-dos-processos/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

3.2. Fases de vida das moedas

Após identificar informações sobre o nascimento das moedas, pretendo traçar alguns alinhamentos sobre suas fases de vida. Com principal referência para pensar as fases de vida das moedas, recorro a Schiffer (1972), que apresenta os processos de formação de sítios associados aos Contextos Sistemico e Arqueológico. O contexto sistêmico seria o comportamento dos objetos dentro de um sistema social, ou seja, seriam as fases que um objeto passa quando está em uso. No fluxograma que ele definiu, explica que as fases do contexto sistêmico são: a procura de matéria prima, a manufatura, o uso e o descarte/abandono. Já o contexto arqueológico inicia-se após o abandono dos objetos e sua recuperação como vestígio.

Tessaro (2014) fez uma releitura do Fluxograma de Schiffer (1972), sugerindo que após o contexto arqueológico, estes retornam a um contexto sistêmico, assumindo usos e significados diferentes aos que lhe deram origem, mas estando novamente associados a um contexto social. Nesse momento, os vestígios passam a estar dispostos em mesas de laboratório e transformados em conhecimentos históricos ou serem expostos em museus.

Figura 12 – Releitura do fluxograma de Schiffer (1972), sobre o Contexto Arqueológico e Contexto Sistemico, feito por Tessaro (2014).



Fonte: Tessaro (2014, p.213).

Tendo como referência Schiffer (1972) e Tessaro (2014) e me apoiando em Kemmers e Myberg (2011), apresento as seguintes fases de vida de uma moeda: a primeira fase pode ser identificada como o **nascimento** da moeda, ela inclui a busca de matéria-prima para fabricação das peças e a sua cunhagem. A segunda fase de vida das moedas estaria relacionada a sua **carreira** e compreenderia o seu uso junto aos processos de circulação e trocas monetárias. Já a terceira fase de vida compreende a sua **aposentadoria** e envolve o descarte intencional da peça (seja por ter acontecido alguma mudança no sistema monetário, seja por ela ter se danificado ou perdido o valor) ou não intencional, quando ela é perdida. E, por fim, a quarta fase caracteriza-se pelo momento no qual a moeda assume uma **nova carreira**, ou seja, após ter sido abandonada, é recuperada numa escavação arqueológica, torna-se objeto de museu, fica guardada em reservas técnicas, é guardada como item de colecionador, sofre alterações e torna-se outros objetos. A quarta fase compreende a reutilização da moeda para um fim diferente do inicialmente previsto no momento da sua cunhagem, ou seja, é uma nova carreira que ela assume após a sua aposentadoria.

Apesar de apresentar uma sequência linear das fases de vida das moedas, diversos aspectos contextuais devem ser observados e tornam a sucessão de fases bem mais complexa que um fluxo contínuo. Fatores contextuais incluem aspectos temporais, geográficas, funcionais, ideológicos e socioculturais da comunidade que as criou, utilizou, descartou e preservou, ou seja, quando a moeda está em contexto sistêmico-arqueológico-sistêmico, é importante observar todos esses elementos para um melhor entendimento de sua trajetória de vida.

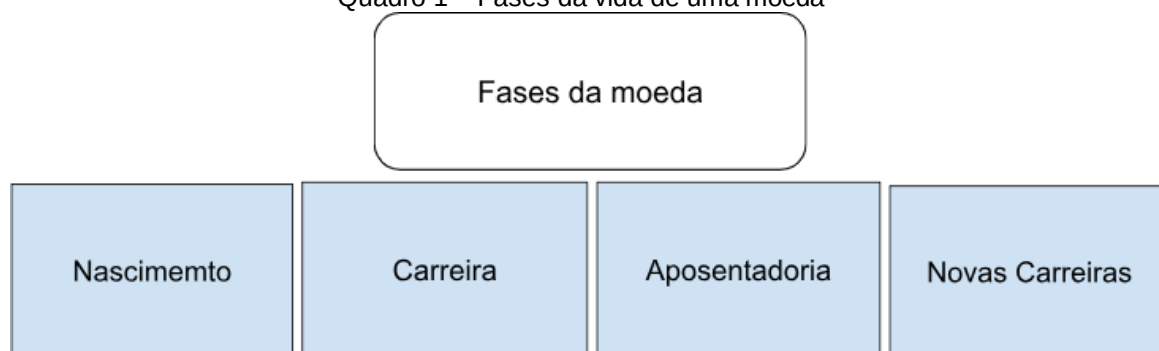
Cabe destacar, também, que nem todas as moedas passam por todas as fases enunciadas e podem ter sua vida interrompida em qualquer uma delas, por exemplo, no nascimento, por um erro na produção, as moedas podem ser descartadas e não mais utilizadas, sem passar pelas etapas carreira, aposentadoria e nova carreira, como explica o Quadro 2.

Moedas aposentadas podem assim permanecer e nunca assumirem uma nova carreira. Além disso, algumas moedas podem ser mantidas como itens de colecionadores sem nunca terem sido aposentadas, pulando etapas da sua trajetória de vida. Enfim, as possibilidades do ciclo de vida das peças são variadas e não se

resume no esquema proposto, a sua finalidade é tornar mais didático o entendimento da trajetória de vida destes materiais.

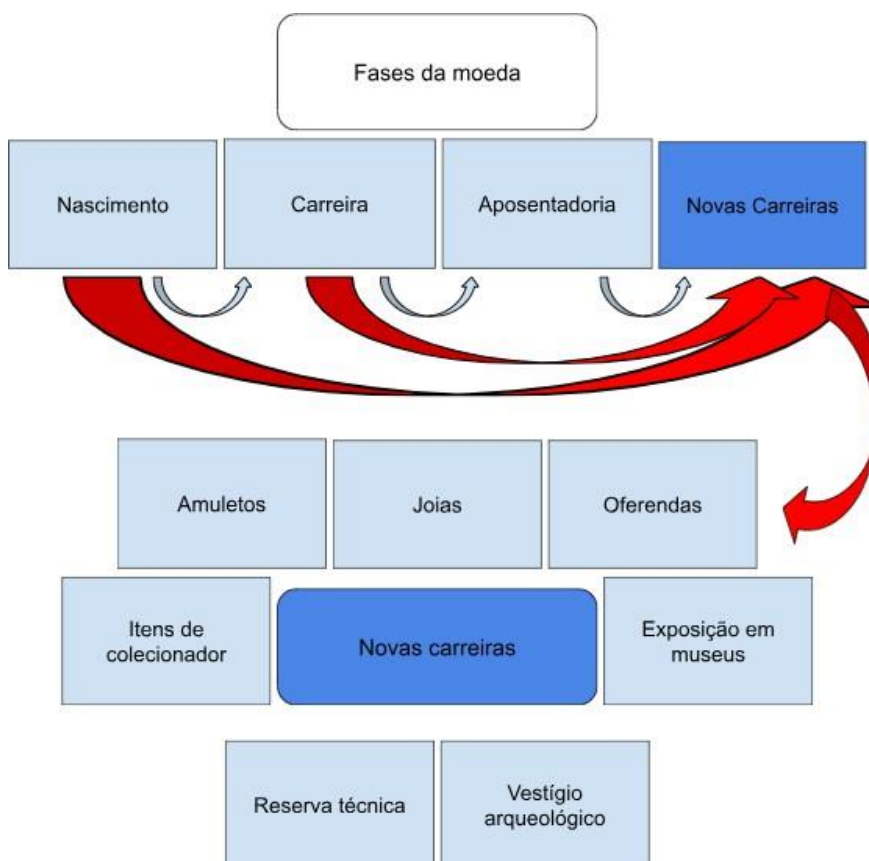
A fim de tornar mais visual a minha explicação, criei um quadro que sintetiza as fases de vida das moedas e diferentes rotas possíveis entre elas, além de incluir possíveis novas carreiras para as peças.

Quadro 1 – Fases da vida de uma moeda



Fonte: Própria autoria.

Quadro 2 - Fluxos entre as fases de vida



Fonte: Própria autoria.

Baseando-me em Schiffer (1972), o contexto sistêmico das moedas abrange desde o seu nascimento até a sua aposentadoria, ou seja, incluiria desde a busca da matéria-prima, cunhagem, circulação monetária e descarte intencional ou não intencional. Já o contexto arqueológico incluiria a fase após a aposentadoria, o que, de acordo com Schiffer (1972), seria a morte das moedas, posto que se trata do momento em que ela é descartada por algum dano, por ter perdido o valor ou por ter trocado o sistema monetário. Porém, conforme sugere Tessaro (2014, p.213), após a aposentadoria, as moedas podem assumir novas carreiras e prolongar suas vidas, nesse caso, elas passam por ressignificações e tornam-se itens de colecionador, vestígios arqueológicos, objeto de museu, bijuterias, itens religiosos e outros. Nessa fase, elas fogem da carreira para as quais foram criadas e, em alguns destes usos, quanto mais antigas são, mais valor adquirem. Ou seja, nesta fase, retornam ao contexto sistemático, de outra forma, diferente dos usos e significados iniciais de quando nasceram.

3.3. Carreira

A carreira profissional das moedas está associada à sua utilização como um item de troca no sistema monetário. Numa perspectiva linear, conforme informado anteriormente, a carreira da moeda é definida quando ela é cunhada. Já nesta etapa, são delimitados os valores que terão e isso é determinante para a sua carreira, posto que influencia a circulação. A moeda pode circular por anos e, quando ocorre a troca do sistema monetário de um país ou por ela estar muito danificada, elas perdem o valor e são descartadas.

A carreira de uma moeda está diretamente associada às relações de troca das pessoas entre si e das pessoas com as coisas. As primeiras moedas, tal como conhecemos hoje, trata-se de peças que tem o intuito de representar, simbolicamente, um valor. Geralmente são feitos em metal e seu surgimento pode ser atribuído a Lídia (atual Turquia), no século VII A. C.⁸. Fabricadas através de marteladas, os primeiros

8 Informação retirada do website Origem do Dinheiro - Casa da Moeda do Brasil. Disponível em: <<https://www.casadamoeda.gov.br/portal/socioambiental/cultural/origem-do-dinheiro.html>>. Acesso em: 28 out. 2024.

signos monetários eram valorizados de acordo com os metais escolhidos para sua constituição. Inicialmente, o ouro e a prata eram itens apreciados para este fim, embora a evolução dos tempos tenha levado à substituição do ouro e da prata por metais menos raros ou suas ligas⁹.

A primeira função das moedas – a função monetária – envolvia seu uso como um meio de troca para que pessoas pudessem adquirir coisas (ou outras pessoas e animais, dependendo do lugar e do período). O surgimento das moedas, modifica as relações entre as pessoas, posto que, antes delas, a troca de um material por outro, demandava que os itens presentes na transação deveriam possuir um valor supostamente idêntico, ou seja, para um item ser trocado, as duas partes da transação deviam ter interesse no que era trocado, quer dizer, era necessário que as partes envolvidas tivessem interesse no bem da outra pessoa, por exemplo: quem possuía um boi e desejava uma cabra, teria que encontrar alguém que tivesse uma cabra e que precisasse de boi. Este sistema de troca estabelecia uma relação direta entre os envolvidos e fomentava a produção local de itens que pudessem ser usados para aquisição de outros. Estas sociedades possuíam maior independência em relação a influências externas, como governantes e produtos, ao mesmo tempo, possuíam maior dependência para itens locais por eles produzidos. O sistema de trocas sem moedas fomentava a interdependência entre produtores e relações de reciprocidade na comunidade.

Diferentemente disso, Burstrom (2018) afirma que as moedas pressupõem a existência de um Estado ou governante forte, bem como uma produção organizada e um objetivo multifuncional nas relações comerciais, componentes que nem sempre podem ser determinados para sociedades pré-industriais, isto é, a moeda geralmente é gerida pelo governo que determina seu valor, emite a moeda, controla as relações

9 Informação retirada do website Origem do Dinheiro - Casa da Moeda do Brasil. Disponível em: <<https://www.casadamoeda.gov.br/portal/socioambiental/cultural/origem-do-dinheiro.html>>. Acesso em: 28 out. 2024.

comerciais e as pessoas. As sociedades monetárias tornaram as relações comerciais mais impessoais e dependentes de fatores externos.

A moeda mais antiga arqueologicamente escavada está vinculada a descobertas feitas em Jerusalém, com datação de 2.500 anos. O website Live Science¹⁰ escreve sobre essa descoberta e registra uma conversa com um especialista em moedas da Autoridade de Antiguidades de Israel (IAA), chamado Robert Kool, ele sugere que nesse período prática monetária já era existente na região da Judéia, porém a forma como eram utilizadas, poderia ser diferente das atuais. Nesta pesquisa, constatou-se que a moeda estava partida em duas, podendo ter sido fragmentada para ser avaliada pelo seu peso em prata, quer dizer, a moeda quebrada não perdia o valor, apenas passavam a valer a metade do preço depois de fragmentada¹¹. Logo, o uso das moedas e seu valor monetário não eram homogêneos no mundo todo, quer dizer, poderiam ser diferentemente implementados entre quem as utilizava.

3.4. Aposentadoria e outras carreiras: o que muda após envelhecer?

Todas as moedas analisadas, enquanto vestígios arqueológicos, são fonte de informações históricas e, por isso, atualmente, possuem um valor diferente do original, associado ao seu nascimento. Estas moedas, atualmente, caracterizam-se por artefatos que estão sendo analisados para este TCC e figuram como patrimônio cultural que se encontra sob a guarda das Reservas Técnicas do MAP e NAP da UFPI. Essa mudança de carreira (torna-se um patrimônio cultural), contudo, não imprimiu nas moedas A, B, C, D e E nenhuma alteração material, ou seja, suas características físicas são semelhantes às de quando foram fabricadas.

Porém, a Moeda E passou por uma mudança significativa de sua forma diante de uma mudança na sua carreira, ela apresenta um furo no meio, o qual associa-se ao seu reaproveitamento para outro fim que não a utilização numa transação comercial de troca e nem como patrimônio cultural.

10 Informação retirada do website <https://www.livescience.com/archaeology/extremely-rare-2500-year-old-broken-silver-coin-unearthed-near-jerusalem>>. Acesso em: 29 out. 2024.

11 Informação retirada do website <https://www.livescience.com/archaeology/extremely-rare-2500-year-old-broken-silver-coin-unearthed-near-jerusalem>>. Acesso em: 29 out. 2024.

Figura 13 - Foto do anverso e reverso da moeda E, a imagem feita por um microscópio óptico USB do furo na moeda com ampliação de 30x.

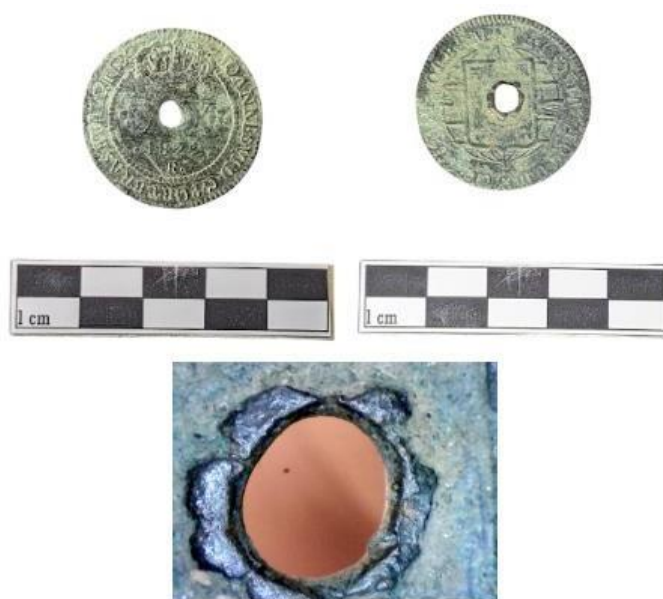


Foto Vitor Hugo Lopes dos Santos, 03/06/2024.

A imagem do furo da moeda acima na Figura 13, foi ampliada 30x, pelo microscópio Óptico portátil, ele possui 0,5 mm de comprimento e 0,4 mm de largura, possivelmente foi realizada com um item perfurante, sendo impresso contra a moeda a partir do seu anverso para o reverso. Esse processo não demandou dificuldade, tendo em vista o tipo de material e a espessura da moeda (feita de cobre e com a espessura de 2mm). A direção de onde o objeto cortante foi pressionado pode ser identificado a partir das rebarbas presentes no reverso da moeda.

A pesquisa realizada em bibliografia arqueológica indicou ser comum encontrar moedas com esse tipo de modificação em contextos de sítios afrodiaspóricos. Souza(2013) cunha o termo *Arqueologia da Criatividade* para explicar como grupos escravizados poderiam fazer o uso criativo de peças, reciclando e imprimindo outros significados. O autor acredita que um dos motivos que poderia ter levado essas

para as pessoas a reciclagem é a grande limitação de materiais na vida em cativeiro, essa característica lhes estimulou a uma riqueza de estratégias para burlar essa realidade, sendo a reciclagem uma dessas possibilidades.

O autor afirma que os materiais identificados arqueologicamente que mais passaram por estas mudanças, em contextos de sítios afrodiáspóricos, são: louça, vidro e metal. As louças são transformadas em peças de jogos ou pingentes a partir do lascamento das suas bordas, os vidros também costumam ser lascados e assumem uma função perfurante ou cortante, e os metais poderiam ser reciclados para fabricação de adornos. Marcos Souza (2013) cita o exemplo do sítio das senzalas do engenho de São Joaquim, localizado em Goiás, onde foram encontrados materiais metálicos em forma circular e retangular, todos com um furo no meio e associados ao uso como adornos.

Meneses e Symanski (2023) também discutem vestígios arqueológicos em contextos afrodiáspóricos e analisam diversos materiais que foram reaproveitados, como: cerâmicas, louças, vidro e metais. Estes foram transformados em itens utilizados em práticas recreativas por populações afrodescendentes, também poderiam estar associados a objetos utilizados em rituais religiosos ou como amuletos. Os autores afirmam que os metais, sobretudo o cobre, eram muito usados para produzir itens associados a adornos, como brincos, colares, pulseiras e tornozeleiras. Além disso, afirmam que na cosmologia de populações da África Subsaariana, objetos de cobre funcionam como proteção contra o mal, ajudando a evitar o perigo e até a morte. Nestes contextos, moedas eram perfuradas no meio e usadas como amuletos. Os autores citam o caso do Cais do Valongo, onde foi encontrado uma grande quantidade de materiais arqueológicos pertencentes a escravizados, entre eles, citam moedas perfuradas no meio.

Lima, Souza e Sene (2014) pesquisam a materialidade do Cais do Valongo há muitos anos. As autoras afirmam que a maior parte dos vestígios ali identificados são itens de pessoas que vieram de África e afirma que uma das características dessas populações era sobrepor, na própria pele, marcas e tatuagens realizadas nos países de origem. Além disso, sempre que possível, elas carregavam consigo diversos adereços, incluindo brincos, anéis, cristais, pulseiras e tornozeleiras, as quais eram usadas no pescoço, peito, costas, braços, mãos, tornozelos e orelhas. Os adornos

corporais recuperados nas escavações são feitos a partir de cordões de contas, moedas, dentes de animais, corais, conchas e medalhas de santos católicos. Estes últimos, inclusive, eram tidos como amuletos poderosos. De acordo com Lima, Souza e Sene (2014) todos esses adereços formavam uma camada protetora para o usuário, não funcionava só para a estética, mas também como proteção contra todos os males.

Figura 14 – Moedas citadas no trabalho de Lima, Souza e Sene (2014), sendo elas: uma moeda de 20 réis, datada de 1803, emitida pela Casa da Moeda de Lisboa, com uma perfuração quadrada próxima ao centro (canto superior direito); uma moeda sem data de origem desconhecida com uma perfuração oval em direção à borda (canto inferior esquerdo); uma moeda de 10 réis, datada de 1818, emitida pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro (centro inferior); uma moeda de 10 ou 20 réis, datada entre 1818 e 1823, de cunhagem desconhecida, com um furo no centro (canto inferior direito). Artefatos descobertos no sítio do Cais do Valongo.



Fonte: Lima, Souza e Sene (2014, p.124).

Realizando entrevistas com pessoas adeptas de cultos religiosos de matriz africana, recebi a informação que as moedas podem não fazer só parte de um caráter de proteção e adornos para quem as utilizam, especialmente as que possuem furos no meio, mas elas podem também ser usadas como oferendas para orixás ou usadas para agradecer as entidades. Uma das pessoas com as quais conversei, Eulália Freitas, minha amiga que frequenta a Tenda de Santo Antonio, localizada na cidade de Timon – MA, conta que:

‘Na Umbanda, o dinheiro de papel se chama Bandeira, é oferecida para poder receber a entidade, é usado nas oferendas de exu, com cigano, seu zé, e que em algumas casas de umbanda tem sempre um zé Pilintra e um pote de moedas, então meio que é uma forma de pedido, tem um santo aqui também

que a gente põe moeda, Santo Onofre, padroeiro da Fortuna (FREITAS, conversa informal, 2024)¹².

Segundo me informou a praticante, existem certas datas que eles não podem deixar de fazer oferendas aos exus, como no fim e começo de todo ano, pedindo saúde, paz na família, caminhos abertos, e para agradecer graças concedidas. Geralmente moedas de 1 real, por ser a de maior valor circulando atualmente, é a mais utilizada. Mas estas oferendas também podem conter algumas moedas que deixaram de circular.

Figura 15 - Oferenda aos Exus e ciganos, sendo eles : Zé pelintra e Cigana do Oriente que, na religião de matriz africana, são retratadas como entidades que tinha grande influência com jogos, ganhos e ouro.



Foto: Eulália Freitas, 22/10/2024.

Diante do exposto pela bibliografia analisada, da entrevista realizada, das marcas observadas na moeda e do contexto em que a moeda foi encontrada, no caso a Pedra do Ingá, que está envolta em diversas significações para além da arqueológica (Nascimento, 2015), acredito que a moeda E tenham tido uma nova carreira associada a um uso religioso. Tendo em vista tratar-se de uma moeda de cobre, ter a perfuração no meio e ter sido recuperada num local com diversas mitologias populares, é coerente que tenha sido usada para um fim como adorno, proteção, amuleto e/ou oferenda.

4 Agência das moedas

¹²Informações retiradas de uma conversa informal com Eulalia Freitas da Silva.

Tendo em vista as discussões sobre a carreira das moedas e como esta interfere nas relações entre as pessoas e as coisas, julgo importante tecer algumas reflexões sobre a agência dessas peças no contexto que são utilizadas.

Conforme informei na introdução, Miller (2010) cita o exemplo de várias coisas que incidem sobre as pessoas, afirmando que além das pessoas fazerem coisas, as coisas também fazem as pessoas. O autor utiliza o termo coisa e não objeto, artefato ou cultura material porque o termo “coisas” compreende a agência dos materiais, enquanto os outros confere a estes passividade, conforme já expliquei anteriormente. De modo geral, a agência das coisas nos passa despercebidos e precisamos estranhar sua presença para conseguir percebê-las.

Pensando sobre as formas que as moedas fazem das pessoas, sem que elas observem, listei alguns aspectos que destacam o quanto elas modificam as relações que estabelecemos entre pessoas e entre pessoas e coisas:

1- As moedas mudaram as relações de trocas, antes baseadas em vínculos locais, independentes de fatores externos e que fortalecem a produção local. Com as moedas, as relações de troca são determinadas por um governante, quem produz a moeda, lhe determina o valor, a cunhagem e o material de que será feito. A simbologia presente nas mesmas, a reverência aos governantes e a troca de itens por moeda, encerra as relações entre as pessoas e não cria um vínculo de reciprocidade ou dependência entre elas.

2- Aos amantes ou estudiosos das moedas, elas provocam certo saudosismo e tornam-se importantes fontes de informação ou item de coleção e afeto. A simbologia das moedas, o material de que são feitas e o local de produção, entre outras informações, carregam junto delas características sobre o seu nascimento e todos estes aspectos são atrativos para amantes e estudiosos de moedas.

5 As moedas da UFPI e os sítios onde foram encontradas

5.1 Fazenda Grande (PI) e Fazenda São Domingos (PI)

Pensando sobre o contexto em que as moedas da coleção analisada foram encontradas, as moedas A, B e C, podem ser associadas a um grupo de peças que desempenharam a carreira para a qual foram produzidas e depois receberam aposentadoria por perda, dano ou por terem perdido o valor em função de troca do sistema monetário.

A moeda A e B foram encontradas em superfície no sítio arqueológico Curtume (Fazenda Grande, localizada no município de São João do Piauí), através da intervenção feita pela empresa de arqueologia Zanettini Arqueologia, em 2015, através do Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Linha de Transmissão de Energia Elétrica 500 kv Nova Olinda. O sítio fica localizado na coordenada 23 I 798857 9080076 e ocupa um terreno de relevo plano, em torno do vale do rio Piauí. É um sítio multicomponencial, apresentando evidências de ocupação de caçadores-coletores (como material lítico lascado, cerâmicas e uma lâmina de machado polido) e ocupação histórica, com fragmentos de cerâmica de produção local/regional, louças de fabricação industrial europeia, vidros, ossos e as moedas. As moedas aqui estudadas possivelmente estão relacionadas ao cotidiano do sítio associado a Fazenda de gado ali existente e que surgiu com o avanço da pecuária no Piauí (Zanettini, 2015).

O sítio permanece com bastante antropização, devido às várias ocupações humanas que foi palco. Atualmente, a Fazenda ainda se encontra em funcionamento e no entorno do sítio localizam-se várias comunidades e plantações. As moedas foram encontradas na área da “lixreira” da Fazenda e as suas datas (moeda A 1825 e moeda B 1823 – 1830) está em sintonia com as datações estimadas para o local a partir do estudo dos fragmentos de louças realizados no ano de 2023 e 2024 através o projeto de pesquisa “Comida, Cultura e Sociedade: Arqueologia da Alimentação no Piauí”, coordenado pela prof. Dr. Fernanda Codevilla Soares.

Por estarem em superfície, as moedas estão bastante danificadas, passaram por diversas intempéries, sejam naturais, como sol, vento, areia, poeira; sejam antrópicas, por conta de manuseio de gado, atividade agrícola e pisoteio de pessoas. Associado a estes fatores pós-deposicionais, a moeda A apresenta partes amassadas e a moeda B caracteriza-se por $\frac{1}{4}$ da peça.

Figura 16 – Anverso e reverso, das moedas A e B, respectivamente.



Foto Vitor Hugo Lopes dos Santos, 03/06/2024.

A presença dessas moedas no contexto da Fazenda sugere que o grupo doméstico local as utilizou como parte do sistema de trocas comerciais que estabeleceram. Nesse sentido, é importante lembrar que a circulação de moedas no Brasil iniciou-se a partir da chegada dos primeiros colonizadores portugueses, os quais trouxeram suas próprias moedas para o comércio, contudo, mesmo nesse período, as moedas não substituíam totalmente o sistema de trocas locais, quer dizer, as mercadorias ainda eram trocadas por outras mercadorias mesmo quando as moedas já existiam. Por exemplo, o Pau-brasil foi a principal mercadoria utilizada no Brasil entre os nativos e os europeus; o pano de algodão, o açúcar, o fumo e outros itens foram utilizados como item de troca durante todo o período colonial. Dessa forma, acredita-se que a presença dessa moeda no sítio não significa que todas as relações comerciais estabelecidas por esse grupo doméstico fossem inteiramente dependentes dessas peças. É possível que outras mercadorias, produzidas na própria Fazenda, fossem utilizadas como itens de trocas em feiras e comércio local. Por outro lado, a presença da moeda indica que essa unidade doméstica não estava isolada do restante do país, já que este artefato também figurava como um recurso de troca. Essa ambivalência entre o moderno e o tradicional é outro aspecto que o estudo das louças do sítio sugere, posto que são peças inglesas, ou seja, importadas, mas utilizadas para consumo de alimentos típicos da culinária local.

A moeda C também foi encontrada em uma Fazenda, localizada no Município de José de Freitas, a aproximadamente de 48 km da capital Teresina. Esse sítio foi estudado por Waldyr Luiz Borim Jr (2016), através da dissertação de mestrado “Sabores e dissabores: olhares sobre a cultura material da Fazenda São Domingos (José de Freitas, Piauí)”. A referida fazenda apresenta características de unidade doméstica e

produtiva, possivelmente também era utilizada para pecuária e no seu solo e subsolo foram recuperados itens como: fragmentos vítreos, cerâmicos, metálicos e construtivos, entre outros. A moeda é datada de 1987, uma datação muito posterior estimada para a Fazenda, a qual, segundo o autor do trabalho, corresponderia ao período do final do século XVIII. Segundo Borim Jr. (2016), na década de 1980, após a fazenda ter caído em ruína, a sua sede foi utilizada como estabelecimento de Bar pela população local. A datação da moeda C é de 1967, período no qual o bar ainda existia na antiga sede da Fazenda. Assim, seu uso está associado a um período no qual o sistema de troca dominante era o monetário e é provável que seu descarte tenha se dado por perda no bar.

5.2 Sítio Seu Bode (PI) e Pedra do Ingá (PB)

As moedas D e E sugerem algum desvio na carreira esperada para elas, pensando o contexto em que foram recuperadas. O sítio arqueológico em que a moeda D foi encontrada foi estudado através do trabalho “Seu Bode – A história negada: em busca de novos caminhos”, pela pesquisadora Jóina Freitas Borges (2004). O sítio localiza-se no município de Luís Correia – PI, litoral do Estado. O sítio em questão é do tipo duna, com uma grande presença de materiais malacológicos, sendo associadas a fogueiras, onde não há mais carvão, mas há vestígios como pedras queimadas, conchas, fragmentos de cerâmicas, manchas escuras na areia, provavelmente em decorrência do depósito de matéria orgânica e instrumentos líticos, como os batedores ou percutores e outros. O sítio assenta-se sobre uma região de dunas estáveis, ao fim do qual, no poente, se forma uma grande duna móvel, que sofre ação constante do vento. Próximo a ele encontram-se cursos de rios, lagoas e o mar. Sua vegetação é do tipo mangue e caatinga litorânea arbórea e arbustiva. Possui nas suas proximidades restinga e esparsos carnaubais. A moeda D encontrada nesse local aparente não condiz com o tipo de sítio associado, já que este se caracteriza por um sítio pré-colonial e a datação da moeda é de 1869. Dessa forma, pela característica móvel das dunas, é possível que materiais possam ter sido transportados de outros lugares até ele. Certamente, após a aposentadoria, a moeda D passou a integrar a

paisagem local e mover-se por ela junto com as Dunas, estando depositado em um local que não tinha relação direta com a carreira que deveria ter assumido.

A moeda E assumiu uma nova carreira após a aposentadoria antes de tornar-se um vestígio arqueológico, conforme expliquei antes. Esta foi encontrada no sítio arqueológico Pedra do Ingá, localizado no município de Ingá, Estado da Paraíba, distante 36 km de Campina Grande e 84 km da capital João Pessoa. O sítio Pedra do Ingá é composto por um grande bloco rochoso granítico, localizado no leito do rio Ingá, de Bacamarte. As gravuras do seu painel principal ficam submersas durante o período chuvoso e visíveis no período de seca. Foram elaboradas com motivos e temas diversos e é um local muito estudado pela arqueologia nordestina. A moeda foi recuperada através do projeto “Projeto: Estudos arqueológicos, conservação e socialização do sítio Itacoatiara do Ingá”, realizado em 2013, pela equipe da arqueóloga Conceição Lage (Catoria e Netto, 2018, p.78), que era coordenadora geral e tendo como participantes, os pesquisadores do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica da UFPI (Nascimento, 2015, p.95). Este trabalho visava realizar prospecção de superfície e subsuperfície, sondagens e poços testes para ampliar os limites do sítio, buscando novos materiais arqueológicos no seu entorno. Essa atividade resultou na coleta de amostras líticas, fragmentos cerâmicos, amostra de sedimentos, fragmentos de carvão, conchas, ossos, louças, e, também, a moeda (Nascimento, 2015, p. 102).

A tese de doutorado “Múltiplas vozes da Pedra do Ingá: ouvindo narrativas paralelas”, da pesquisadora Ana Luísa Meneses Lage do Nascimento (2015) ressalta a importância simbólica desse sítio e as diferentes interpretações existentes acerca dele. Segundo a autora, o local desperta diversas interpretações e traz à tona a relação da comunidade local com o sítio, a qual se baseia em perspectivas que misturam crenças, mistérios, fantasias, misticismo, religiões e histórias fantásticas associadas a fenícios, hititas, extraterrestres, pessoas vindas da África, indígenas e outros.

O sítio foi descoberto no século XVII e tombado como Patrimônio Cultural pelo IPHAN no ano de 1944, a área do sítio Pedra do Ingá integrava um latifúndio denominado Fazenda Pedra Lavrada e uma das principais atividades que esta unidade produtiva realizava era a extração de fragmentos da rocha para o calçamento de várias cidades do estado paraibano, sobretudo a capital João Pessoa. Assim, o sítio já foi muito

danificado e ainda hoje recebe visitas de diferentes grupos sociais e faz parte do imaginário popular de formas variadas. A moeda E, datada de 1822, não é contemporânea ao sítio, todavia, a sua presença nesse local pode estar relacionada aos diferentes significados que o sítio assume no presente, especialmente de cunho religioso e mítico. Essa moeda possui uma particularidade em relação às outras que permitem essa suposição, ela contém o furo no meio e as análises realizadas sugerem que isso se caracteriza por um desvio na sua carreira, ou seja, ela foi transformada em algo para além de um objeto usado em trocas comerciais, conforme explicado anteriormente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse trabalho surgiu por conta do meu interesse pelas moedas, o qual nutro desde a minha primeira graduação em História. Sempre gostei desses pequenos objetos, seja pelos elementos pictóricos e textuais presentes nela, seja por me transportarem para o contexto de quando elas foram criadas. Lendo bibliografias, observei a quantidade de diferentes tipos de moedas brasileiras que foram cunhadas ao longo do tempo e isso me estimulou a praticar o colecionismo destas peças. Me interessei pelas mais antigas, que algumas vezes podem ser adquiridas em sites de compra e vendas, dadas de presente, encontradas no chão, mas também as mais recentes, algumas que familiares usaram e esqueceram em alguma gaveta. Quando eu participei de uma disciplina chamada Tópicos de Cultura Material, ministrada pela Profa. Dra. Fernanda Codevilla Soares, me inteirei de várias discussões sobre materialidade, cultura material, coisas, artefatos, e agência dos objetos e, como última avaliação da disciplina, decidi apresentar um seminário sobre algumas moedas que eu tinha na minha pequena coleção. Inspirado pela bibliografia lida na disciplina, o meu objetivo foi traçar a biografia das moedas e com isso utilizei questionamentos trazidos no trabalho de Kopytoff (2008), que inspiraram esse TCC.

Nas minhas pesquisas sobre o uso das moedas para Arqueologia, não encontrei quase nada associado ao estudo das moedas em contexto arqueológico no Brasil. A maior parte da bibliografia que levantei versam sobre moedas e ensino de história, ou ainda, eram trabalhos sobre numismática. Nestes, as moedas eram usadas para efeito

de datação ou visavam a caracterização da sua composição química. Contudo, fora do Brasil já se discute trabalhos sobre Arqueologia das Moedas, os quais partem de perspectivas teóricas que envolvem conceitos como agência e nos quais elas são as protagonistas das pesquisas. Neste estudo, pretendi trazer um pouco de tudo que eu li e associar a um dos meus hobbies. A partir de moedas achadas em sítios arqueológicos no nordeste brasileiro, busquei dar os meus primeiros passos no campo que já vem sendo chamado de Arqueologia das Moedas.

Sendo assim, essa pesquisa surgiu como uma proposta de trabalhar formas alternativas de analisar moedas. Entendo que as moedas têm um potencial informativo maior do que o que é explorado nas pesquisas de arqueologia no Brasil, e devido a isso, informações importantes sobre o contexto arqueológico em que foram encontradas também tem se perdido.

Com a metodologia, listei perguntas que poderiam me auxiliar a contar a história de vida das moedas e, para isso, produzi uma ficha de análise que me ajudaria a responder estas perguntas através da observação das moedas e da leitura de bibliografias sobre moedas brasileiras.

Uma das etapas deste trabalho foi de localizar moedas existentes nos acervos arqueológicos localizados na UFPI, sobretudo no Centro de Ciências Naturais (CCN2), centro que está o Museu de Arqueologia e Paleontologia (MAP) e o Núcleo de Antropologia Pré-histórica (NAP). Entre maio e junho de 2024 comecei logo a etapa de tirar foto das moedas, colher as informações contidas nas caixas que elas estavam, buscar informações adicionais sobre os sítios que foram encontradas, pesquisar bibliografias sobre coleções de moedas brasileiras desde o Brasil colônia até os dias atuais e preencher uma ficha de análise.

O levantamento identificou três moedas no MAP e duas no NAP, que vão desde sítios localizados no litoral e no interior do Piauí, a um sítio na Paraíba. A maioria (4) segue o padrão monetário Réis e uma o padrão Monetário Cruzeiro. Técnicas vindas da arqueometria, sobretudo, uso de FRX, microscópio portátil USB, balança de precisão com quatro casas decimais, também foram importantes para me ajudar a saber as ligas metálicas de cada moeda e descobrir de forma mais detalhada suas dimensões. As moedas foram nomeadas de A a E, sendo elas: A moeda A, de valor 20 réis, nascida no Rio de Janeiro, fazendo parte do primeiro padrão monetário (1822-1831), nasceu no ano de 1825, ou seja, têm 199 anos, nasceu em um contexto sob a vigência

de governo de Dom Pedro I, que há pouco tempo havia iniciado o processo de independência do Brasil. Ela é feita de cobre, foi encontrada no Sítio Curtume – Fazenda Grande, localizada no município de São João – PI, sua carreira, possivelmente, associa-se ao uso esperado para ela, como sistema de troca.

A moeda B é um caso complexo, só contendo $\frac{1}{4}$ da moeda original, meu trabalho foi também de tentar alguma possibilidade de identificação. Ela foi localizada no mesmo contexto da Moeda A, no mesmo sítio associado à atividade pecuária em que essa fazenda se destacava no século XIX. Diante das suas medidas, presumi que fosse uma moeda de 80 réis e pelas características pictóricas e imagéticas presentes no seu verso e reverso, acredito que tenha nascido entre os anos 1823 - 1831, então, teria entre 193 a 201 anos.

Já a moeda C, trata-se da moeda mais recente dos acervos, tem 37 anos, com valor de 20 centavos de cruzados, feita de um conjunto de elementos metálicos que formam o aço inoxidável, foi encontrada no sítio Fazenda São Domingos, localizado no município de José Freitas – PI. Nasceu em um contexto em que o Brasil passava por diversas mudanças no sistema monetário. Acerca do contexto que foi encontrada, uma unidade rural que data do século XVIII, parece existir uma incoerência entre o período do sítio e sua datação, no entanto, Borim Jr (2016) explica que no local existiu um bar em anos recentes e isso explicariam a presença da moeda tão nova no local. A moeda D, nascida no ano de 1869, faz parte do terceiro e último sistema monetário (1849-1889) brasileiro adotado antes da Proclamação da República, está associada à regência de Pedro II, é constituída de uma liga metálica que forma o Bronze e foi encontrada no sítio arqueológico, seu Bode, localizado no município de Luís Correia – PI. Essa moeda também possui uma datação que difere do período do sítio, já que este se caracteriza por ser um sítio pré-colonial, em contexto de Dunas. É provável que sua presença no local esteja associada, justamente, a este constante movimento das Dunas.

A moeda E, datada de 1822, nascida no Rio de Janeiro, valor de 20 reis, encontrada em umas das prospecções feitas pelo projeto “Estudos Arqueológicos, Conservação e Socialização do Sítio Itacoatiaras do Ingá”, que visava expandir o tamanho do sítio arqueológico, localizado na cidade de Ingá, no estado da Paraíba, contém um furo no meio. Acredito que esta marca pode estar vinculada a novas carreiras que a moeda

assumiu, entre elas, sugiro que possa ter sido transformada em adorno, amuleto de proteção, oferenda ou outras coisas do tipo.

Para perspectivas futuras pretendo aprofundar na linha de pesquisa *Arqueologia das moedas*, que visa estudar e compreender o contexto em que as moedas foram encontradas, as carreiras que desempenharam ao longo de sua vida (circulação), como se deu sua aposentadoria, que novas carreiras assumiram, aspectos relacionados a sua cunhagem e outras informações.

Para além de ter um apreço pessoal por estas peças, observo que é um campo potencial, sobretudo em estudo de sítios arqueológicos nordestinos. Assim, para futuro, pretendo fazer uma revisão bibliográfica internacional mais aprofundada sobre Arqueologia das moedas e as unir de forma mais sistemática com estudos arqueométricos, o qual, durante o desenvolvimento da minha pesquisa, observei o grande potencial que tinha, já que fornece uma análise pontual elementar e uma análise metalográfica, visando observar feições das moedas, elementos corrosivos, constituições e outros.

Concluo que tanto quanto moedas antigas encontradas em contextos arqueológicos, moedas com perfurações que por esse motivo o seu valor diminui, e não desperta interesse de colecionadores, moedas que muitas vezes vão parar em reservas técnicas ou em museus, moedas de um período recente e atual, todas essas sofrem ressignificações, que vão além do seu uso monetário. Seguindo a analogia que proponho nesse trabalho, busquei traçar as suas carreiras, entender sua aposentadoria e identificar quais são as novas carreiras que assumem após isso. Nessa trajetória, a partir de suas agências, vão influenciando e conformando as comunidades que as utilizam.

REFERÊNCIAS

AMATO, Claudio; NEVES, Irlei S.; RUSSO, Arnaldo. Livro de moedas do Brasil. [S.l.], Editora e Gráfica Stampato, 12ª edição, 2008.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Dinheiro no Brasil. 2. ed. Brasília: BCB, 2004. 36 p.: il. BANCO CENTRAL DO BRASIL. História do BC. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/pre/história/historiabc/historia_bc.asp?frame=1>. Acesso em: 17 out. 2024.

BORIM JÚNIOR, Waldir. Sabores e Dissabores: olhares sobre a cultura material da

Fazenda São Domingos (José de Freitas, Piauí). Dissertação (Mestrado em Arqueologia) —Teresina: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, 2016.

BORGES, Jóina Freitas. A história negada: em busca de novos caminhos. Teresina: FUNDAPI; 2004.

BULAD, Rubens. Cunhagem de moedas: evolução dos processos. [S.l.], 2020. Disponível em: <<https://collectprime.com/blog/cunhagem-de-moedas-evolucao-dos-processos/>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

BURSTRÖM, Nanouska Myrberg. Money, Coins and Archaeology. In: Money and Coinage in the Middle Ages. Leiden: Brill Academic Publishers, 2018. p. 231-263. Disponível em: <https://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:su:diva-162654>. Acesso em: 02 dez. 2024.

CAFFARELLI, Eugenio Vergara. As moedas do Brasil: desde o Reino Unido (1818-2000). 2. ed. rev., atual. e aum. São Paulo: [s.n.], 2002.

CARLAN, Cláudio Umpierre. Linguagem e Imagem: Numismática como documento. Revista E. Fe H. da Antiguidade, Campinas. 28, jul 14 - Dez 14.

CASA DA MOEDA DO BRASIL. Origem do Dinheiro. Disponível em: <https://www.casamoceda.gov.br/portal/socioambiental/cultural/origem-do-dinheiro.html>>. Acesso em: 28 out. 2024.

CATORIA, Thais; NETTO, Carlos Xavier Azevedo. Itacoatiaras do Ingá: as diferentes “escritas” no imaginário da pedra das águas. Revista Antropológicas, v. 29, 2018. DOI: 10.51359/2525-5223.2018.24013.

CAVALCANTE, Luis Carlos Duarte. Caracterização Arqueométrica de Pinturas Rupestres Pré- Históricas, Pigmentos Minerais Naturais e Eflorescências Salinas de Sítios Arqueológicos. 2008. 305 p. Tese (Doutorado em Química.) - Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Química, Minas Gerais, 2012.

CENTENO, Rui MS. Coleção de numismática.in Colecao Antonio Olmos, Cascais, 2009.

GUERRA, Maria. et al.. Estudo preliminar de algumas moedas holandesas da coleção do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Arqueometria, 2007. Disponível em: <https://hal.science/hal-02924179>. Acesso em: 3 jun. 2024.

JARUS, Owen. Extremely rare 2,500-year-old broken silver coin unearthed near Jerusalem. Live Science, [s.l.], 17 nov. 2023. Disponível em: <<https://www.livescience.com/archaeology/extremely-rare-2500-year-old-broken-silver-coin-unearthed-near-jerusalem>>. Acesso em: 29 out. 2024.

KEMMERS, F.; MYRBERG, N. Rethinking numismatics: the archaeology of coins. Archaeological Dialogues, v. 18, n. 1, p. 87-108, 2011. DOI:

10.1017/S1380203811000146. Acesso em: 19 out. 2023.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, ARJUN. A vida social das coisas. Niterói: EDUFF, 2008.

LAGE, Maria Conceição Soares Meneses; FARIAS FILHO, Benedito Batista. Arqueometria aplicada à conservação de sítios de arte rupestre. In: Cadernos do Lepaarq, v. XV, n.30., p. 327-343, Jul-dez. 2018.

LEITE, Rodrigo de Oliveira. A Peça da Coroação: a mais desejada moeda da numismática brasileira. Revista Numismática OMNI, ISSN-e 2104-8363, Nº. 2, 2010, págs. 1-3, 2010.

LIMA, Tania Andrade; SENE, Glaucia Malerba; SOUZA, Marcos André Torres de. Tecendo a segunda pele: proteção contra o mal entre os escravos do Valongo no Rio de Janeiro do século XIX. Revista de Arqueologia e Patrimônio da Diáspora Africana, v. 3, n. 2, p. 103-136, 2014. DOI: 10.1179/216194411400000000015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/286240980_Weaving_the_Second_Skin_Protection_Against_Evil_Among_the_Valongo_Slaves_in_Nineteenth-century_Rio_de_Janeiro. Acesso em: 17 dez. 2024

LIMA, Tania Andrade. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. Estudos Ibero-Americanos, v. 28, n. 2, p. 7-23, 2002. DOI: 10.15448/1980-864X.2002.2.23799. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/23799>. Acesso em: 04 fev. 2024.

MILLER, Daniel. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 272 p. (Tradução de: Stuff, 2010).

MENEZES FERREIRA, L.; SYMANSKI, L. Transformation and Resistance: African Diaspora Archaeology in Brazil. Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage, v. 12, n. 2-3, p. 108-136, 2023. DOI: 10.1080/21619441.2022.215937. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21619441.2022.215937>. Acesso em: 02 dez. 2024.

NASCIMENTO, Ana Luísa Meneses Lage do. MÚLTIPLAS VOZES NA PEDRA DO INGÁ: ouvindo narrativas paralelas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Rio de Janeiro, 2015.

SCHIFFER, M. 1972 Archaeological context and systemic context. American Antiquity, 37: 156-165.

SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA. Como são cunhadas as moedas atuais. SNB, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <http://www.snb.org.br/boletins/pdf/60%20%E2%80%93%20Como%20s%C3%A3o%20Cunhadas%20as%20Moedas%20Atuais>). Acesso em: 23 nov. 2024.

SOUZA, Marcos. Por uma Arqueologia da Criatividade: Estratégias e Significações da Cultura Material Utilizada Pelos Escravos no Brasil. In: AGOSTINI, C. (Org.). *Objetos da Escravidão: Abordagens Sobre a Cultura Material da Escravidão e seu Legado*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 11-36.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Fluorescência de Raios-X. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://fisica.jatai.ufg.br/p/19497-fluorescencia-de-raios-x>: Acesso em: 12 dez. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Histórico e Mapa. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://ufpi.br/historico-map>. Acesso em: 17 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Núcleos de pesquisa. UFPI, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://ufpi.br/de/75-ufpi/atividades-ufpi/pesquisa-ufpi/116-nucleos-relacionados.%20Acesso%20em:%2015%20fev.%202024>. Acesso em: 15 fev. 2024.

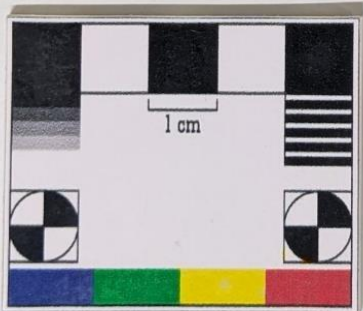
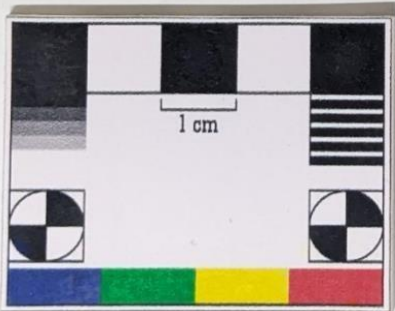
TESSARO, Piero Alessandro Bohn. A garrafa que deixou de ser: Arqueologia com a cidade e musealização. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 2, p. 201-216, 2014. DOI:10.24885/ssab.v26i2.389. Disponível em <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/ssab/article/view/389>. Acesso em: 24 out. 2024.

TILLEY, Christopher (Org.). *Interpretative Archaeology*. Providence: Berg, 1993.

TRIGGER, Bruce. G. *História do Pensamento Arqueológico*. 2º ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2004. pág. 95.

ZANETTINI. *Arqueologia: Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Linha de Transmissão de Energia Elétrica 500 kV Nova Olinda. Ribeira do Piauí e São João do Piauí*: Zanettini Arqueologia, 2018.

APÊNDICE A - Ficha de análise das moedas

Foto da Moeda	
Anverso	Reverso
 	 
Dados de coleta Instituição: MAP-UFPI Município: São João do Piauí - PI Sítio: Curtume (Fazenda Grande) Unidade de escavação: Quadra 2B/Superfície/lote 9 Projeto: PROGRAMA DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO LINHA DE TRANSMISSÃO DE ENERGIA ELÉTRICA 500 kV NOVA OLINDA Responsável: Empresa Zanettini Local de armazenamento: Etiqueta / Setor/ Corredor/ Caixa:	
Dados biográficos da moeda	

Nº registro: 180

Nome da peça: A

Padrão monetário: Primeiro padrão monetário (1822-1831) (CAFFARELLI, 2002)

Nascida por qual decreto: Decreto de 21 de julho de 1823 e Portaria nº 128 de 22 de agosto de 1823 (CAFFARELLI, 2002)

Valor: 20 réis

Ano de nascimento: 1825

Idade: 199 anos

Local de nascimento: Rio de Janeiro (pois se sabe que as moedas cunhadas nas suas determinadas casas da moeda recebem a letra inicial da mesma, exemplo: R - Rio de Janeiro, B - Bahia, M - Minas Gerais, SP - São Paulo, G - Goiás, C - Cuiabá, P - Pernambuco (AMATO et al., 2008).

Característica especial: Ausente

Quantidade de irmãs: 9.053.601 (CAFFARELLI, 2002)

Marcas de reutilização: Ausente

DESCRIÇÃO DETALHADA DA MOEDA

Anverso: A moeda apresenta no centro, em alto relevo, o número “20”, o qual refere-se ao seu valor. No lado direito e esquerdo do número, encontra-se uma espécie de florete de seis pontas (total de duas), em alto relevo. Em cima e embaixo do número, contém trevo de quatro folhas, também em alto relevo. Nos quatro cantos perpendiculares, a moeda contém quatro trevos de tamanho menor que os 2 anteriores, todos em alto relevo. Esses elementos estão circunscritos por um círculo de flores semelhantes a tulipas (total de 20 flores). Ao redor da borda na moeda, existe o seguinte texto: “PETRUS.I.D.G. CONST.IMPET.PER (...) BRA.DEF.1825R” que é uma abreviação de: “Petrus I Dei Gratia Constitutionalis Imperator et Perpetus Brasiliae Defensor” (Pedro I por graça de Deus imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil), conforme pesquisa realizado em Caffarelli (2002).

Reverso: O centro da moeda apresenta o brasão imperial, em alto relevo, que

contém a esfera armilar (representação de um globo terrestre), atravessado pelos braços da cruz da ordem de cristo, circunscrito por um anel de estrelas. Em cima do brasão imperial, em alto relevo, encontra-se, também, uma coroa, que não é nem de espinhos, nem de pérolas, como usualmente são identificadas em manuais de numismática (Amato et al., 2008). Logo em cima da coroa, há uma cruz de tipo latina, na lateral esquerda do brasão há uma folhagem de café com frutos concêntricos e na lateral direita há uma folhagem de tabaco floreado. No entorno da borda da moeda, existe o seguinte texto: "IN. (...). O. (...). SIG.NO.VINCES", abreviação de "IN. HOCSIGNO.VINCES" (com este sinal vencerás), conforme pesquisa realizada em Caffarelli (2002).

Outras observações: No processo de manufatura da moeda, o molde dos desenhos não fora centralizado no disco de metal, ou seja, algumas palavras que fazem parte do entorno limítrofe da moeda estão cortadas, sendo um "defeito" de fabricação. A moeda encontra-se amassada, tendo a parte inferior do reverso levantada.

Análises Arqueométricas

Peso: 5,6154 g

Diâmetro: 30 mm

Espessura: 2 mm

Tipo de material: Cobre

Técnica de manufatura: Cunhagem por prensa de fuso (Balancim) (BULAD, 2020).

Grau de conservação: Bom, pois possui vários elementos reconhecíveis como data e símbolos diagnósticos. Apenas o texto apresenta dificuldades de leitura, o que se deve a própria manufatura e desgastes da oxidação da moeda.

Descrição do sítio onde foi encontrada

Sítio Curtume – Fazenda Grande

Localização - O sítio tem como coordenada de referência 23L 798857 9080076, recaindo parcialmente sobre a faixa de ADA, estendendo-se em direção a AID, em

território são-joanense. No que tange a sua implantação, o sítio ocupa um terreno de relevo plano, circunscrito ao vale do rio Piauí.

MAPA

Tipo de Sítio - Sítio Arqueológico Curtume foi o único assentamento de caráter multicomponencial identificado pela Empresa Zanettini durante o Projeto de Contrato associado a Linha de Transmissão de Energia Elétrica 500 Kv Nova Olinda (ZANETTINI, 2015). O sítio apresenta tanto evidências relacionadas a grupos caçadores-coletores, incluindo material lítico lascado, cerâmicas e uma lâmina de machado polido, quanto, em maior número, materiais francamente relacionados à ocupação histórica, tais como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, louças de fabricação industrial europeia e brasileira, vidros, metais, osso e outros. Estes materiais possivelmente estão relacionados ao cotidiano da sede de uma das fazendas surgidas com o avanço da pecuária nessa região, ciclo que teve início já no século XVII.

Característica do sítio - Do ponto de vista da cobertura vegetal, a área se apresenta significativamente antropizada em virtude das sucessivas ocupações ali verificadas, persistindo até os dias atuais, guardando proximidade com terras da comunidade Saco e Curtume (sendo esta última, uma comunidade Quilombola). Além da abertura de acessos, conta-se nos arredores com habitações em uso, cercamentos e áreas de plantio. Conforme mencionado, nesse caso, foi dada especial atenção ao estudo do componente histórico identificado no sítio, promovendo-se a escavação de área de refugio doméstico secundário ("lixreira"), tendo com objetivo contribuir para a dilatação do conhecimento a respeito de aspectos do cultural material relacionado a períodos mais recentes de ocupação dessa porção do território piauiense.

Foto da Moeda	
Anverso	Reverso
	
Dados de coleta Instituição: MAP - UFPI Município: São João do Piauí – PI Sítio: Curtume (Fazenda Grande) Unidade de escavação: Quadra 3C/Superfície/Lote 12 Projeto: PROGRAMA DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO LINHA DE TRANSMISSÃO DE ENERGIA ELÉTRICA 500 kV NOVA OLINDA Responsável: Empresa Zanettini Local de armazenamento: Estante/ Etiqueta / Setor/ Corredor/ Caixa:	
Dados biográficos da moeda	

Nº registro: 1989

Nome da peça: B

Padrão monetário: Primeiro Padrão Monetário (1822 - 1831) (CAFFARELLI, 2002)

Nascida por qual decreto: 21 de julho de 1823 e Portaria nº 128 de 22 de agosto de 1823 (Caffarelli, 2002)

Valor: Provavelmente 80 réis (Pois baseado nas dimensões oficiais se sabe que pode ser uma dessa moeda, pois as dimensões estimadas da moeda inteira se aproximam a da moeda de 80 réis)

Ano de nascimento: entre 1823-1831

Idade: de 193 A 201 anos

Local de nascimento: Não identificado

Característica especial: Não identificado

Quantidade de irmãs: Não Identificado

Marcas de reutilização: Ausente

DESCRIÇÃO DETALHADA DA MOEDA

Anverso: A moeda está fragmentada, contendo 1/4 dela, neste pedaço é visível, na parte mais central, um trevo de quatro folhas em alto relevo, uma estrela em cada um de seus lados (total de duas), um anel de flores do tipo tulipa e na borda contém a legenda "(...) OST.IMP.ET.PF(...)" que é uma abreviação de: "Petrus I dei gratia constitucionalis imperator et perpetus Brasiliae defensor" (Pedro I por graça de Deus imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil), conforme pesquisa realizado em Cafarelli, 2002.

Reverso: No 1 / 4 da moeda que é visível, percebe-se, no centro, uma coroa em alto relevo vazado, a qual possui uma parte superior um símbolo que não foi possível precisar se é um círculo ou uma estrela, na borda da moeda é identificável as letras (...)CSIGNOV(..), que faz parte da legenda 'IN HOC SIGNO VINCES' (Com este sinal vencerás), conforme pesquisa realizada em Cafarelli (2002).

Outras observações: a moeda encontra-se bastante danificada, estando apenas 1 / 4 dela preservada, as demais partes foram perdidas. Nota-se que a peça sofreu uma grande pressão que ocasionou a sua quebra e essa pressão pode ter ocasionado o aumento das suas dimensões (diâmetro) e modificada a localização de seus elementos gráficos, especialmente a coroa, que se localiza muito próximo da legenda, destoando da localização

padrão destes elementos conforme Cafarelli (2002).

Análises Arqueométricas

Peso: 7,504 g

Comprimento: 3,6 mm

Largura: 2,6 mm

Diâmetro provável: 40mm

Espessura: 2 mm

Tipo de material: Cobre

Técnica de manufatura: Cunhagem por prensa de fuso (Balancim) (BULAD, 2019)

Grau de conservação: Ruim, porque devido à quebra, não foi possível identificar elementos diagnósticos que informem o valor e o ano. Nota-se também que a localização e proporção dos elementos presentes na peça estão distorcidos.

Descrição do sítio onde foi encontrada

Sítio Curtume – Fazenda Grande

Localização - O sítio tem como coordenada de referência 23L 798857 9080076, recaindo parcialmente sobre a faixa de ADA, estendendo-se em direção a AID, em território são-joanense. No que tange a sua implantação, o sítio ocupa um terreno de relevo plano, circunscrito ao vale do rio Piauí.

MAPA

Tipo de Sítio - Sítio Arqueológico Curtume foi o único assentamento de caráter multicomponencial identificado pela Empresa Zanettini durante o Projeto de Contrato associado a Linha de Transmissão de Energia Elétrica 500 Kv Nova Olinda (ZANETTINI, 2015). O sítio apresenta tanto evidências relacionadas a grupos caçadores-coletores, incluindo material lítico lascado, cerâmicas e uma lâmina de machado polido, quanto, em maior número, materiais francamente relacionados à ocupação histórica, tais como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, louças de fabricação industrial europeia e brasileira, vidros, metais, osso e outros. Estes materiais possivelmente estão relacionados

ao cotidiano da sede de uma das fazendas surgidas com o avanço da pecuária nessa região, ciclo que teve início já no século XVII.

Característica do sítio - Do ponto de vista da cobertura vegetal, a área se apresenta significativamente antropizada em virtude das sucessivas ocupações ali verificadas, persistindo até os dias atuais, guardando proximidade com terras da comunidade Saco e Curtume (sendo esta última, uma comunidade Quilombola). Além da abertura de acessos, conta-se nos arredores com habitações em uso, cercamentos e áreas de plantio. Conforme mencionado, nesse caso, foi dada especial atenção ao estudo do componente histórico identificado no sítio, promovendo-se a escavação de área de refúgio doméstico secundário (“lixreira”), tendo com objetivo contribuir para a dilatação do conhecimento a respeito de aspectos da cultura material relacionado a períodos mais recentes de ocupação dessa porção do território piauiense.

FOTO DA MOEDA	
Anverso	Reverso
	
Dados de coleta	
Instituição: MAP - UFPI Município: José de Freitas - PI Sítio: Fazenda São Domingos Unidade de escavação: Superfície Projeto: Sabores e dissabores: Olhares sobre a cultura material da Fazenda São Domingos Responsável: Empresa Zanettini Local de armazenamento: Estante/ Etiqueta / Setor/ Corredor/ Caixa: Caixa 122	
Dados biográficos da moeda	

Nº registro: SD2106

Nome da peça: C

Padrão monetário: Plano monetário Cruzado (Caffarelli, 2002)

Nascida por qual decreto: Decreto Lei nº 2.283 de 27 de fevereiro de 1986 e Resolução nº 1.100, de 28 de fevereiro de 1986 (CAFFARELLI, 2002)

Valor: 20 centavos

Ano de nascimento: 1987

Idade: 37 anos

Local de nascimento: Não identificado

Característica especial: Ausente

Quantidade de irmãs: 157.500.000 (Caffarelli, 2002)

Marcas de reutilização: Ausente

DESCRIÇÃO DETALHADA DA MOEDA

Anverso: O centro da moeda contém o número 20, logo abaixo a palavra CENTAVOS e abaixo a data de 1987, acima do número 20 observa-se a palavra BRASIL, em caixa alta, todos esses elementos estão na horizontal, enquanto na borda há um anel de pontos.

Reverso: No centro da moeda, observa-se o símbolo da república caracterizado por um escudo arredondado apoiado em uma estrela de cinco pontos. No interior deste, nota-se o Cruzeiro do Sul sobre uma espada, em cima da espada a legenda "República federativa do Brasil: 15 de novembro de 1889", ao redor do brasão, na borda há um anel de pontos.

Outras observações: A moeda está com uma coloração escurecida, possivelmente de sujeira ou de oxidação, porém nada que comprometa a identificação dos seus elementos diagnósticos.

ANÁLISES ARQUEOMETRICAS

Peso: 2,8513 g

Diâmetro: 19mm

Espessura: 0,2mm

Tipo de material: Aço Inoxidável

Técnica de manufatura: Cunhagem mecânica (BULAD, 2020)

Grau de conservação: Bom, pois todos os elementos diagnósticos da moeda são

reconhecíveis.

Descrição do sítio onde foi encontrada

Sítio Fazenda São Domingos

Localização - A fazenda está localizada no Município de José de Freitas, no Piauí, a aproximadamente 48 km, de Teresina-PI. (coordenada)

MAPA

Característica do Sítio - A Fazenda São Domingos representa uma habitação histórica na zona rural de José de Freitas – PI, apresentando características de unidade doméstica, por ser edificada como núcleo habitacional para os senhores da fazenda e demais forças de trabalho (escravos, vaqueiros e mão-de-obra livre), podendo também ser identificada como núcleo produtivo de atividade pecuária. A sua identificação foi realizada pelo arqueólogo Waldyr Luiz Borim Junior e o trabalho resultou na sua dissertação de mestrado defendido no PPGARQ-UFPI (BORIM Jr., 2017). Atividades econômicas, como a pecuária, deixaram impressões passíveis de interpretações arqueológicas, e estão materializadas no espaço físico da fazenda, representadas principalmente pela diversidade de vestígios arqueológicos presentes neste sítio histórico, tais como: fragmentos vítreos, e de cerâmica, faianças das mais variadas origens e padrões decorativos, materiais metálicos e construtivos com marcas de produção.

História da Fazenda - A história da Casa-Grande de São Domingos está atrelada a área que abrigaria a fazenda São Domingos foi concedida em carta de sesmaria a Francisco Gomes de Mesquita em 24 de julho de 1742. Ao final do século XVIII, a fazenda São Domingos já aparece como propriedade de notado proprietário Luiz Mariz Castelo Branco, e bisneto de Francisco da Cunha Castelo Branco. Dentre os distintos fazendeiros da região se destaca

o capitão Luiz Mariz Castelo Branco e sua esposa Ana Rosa de Jesus, proprietários da fazenda São Domingos, nas cercanias da Vila do Livramento – atual município de José de Freitas. tendo seu auge de desenvolvimento quando a filha de Luiz Mariz Castelo Branco, Da. Lina Clara contrai casamento em maio de 1820 com Jacob Manoel de Almendra que se transformaria durante o século XIX, uma grande potência rural, Logo, Jacob Manoel de Almendra passa a ser um dos maiores proprietários e criadores de gado do Estado e com fortes influências no cenário político, administrativo e até mesmo financeiro da Capitania. no início do século decai, possivelmente com a abolição a escravatura, a crise do sistema escravista, crise no sistema econômico, mudança do modelo imperial para o modelo republicano, nos anos 60 do século XX ainda em suas residia ainda descendentes dos primeiros proprietários, posteriormente sendo ocupada pela população local, sendo utilizada como um Bar, com o lugar se torna uma grande reduto de ocupações e vestígios de diversas épocas e diferentes classes da sociedade, a Fazenda São Domingos pode ser considerada como um local de intenso dinamismo social, cultural e econômico.

FOTO DA MOEDA	
Anverso	Reverso
	
Dados de Coleta	
Instituição: NAP - UFPI Município: Luís Correia - PI Sítio: Seu Bode Unidade de escavação: Superfície Projeto: (Joina) Responsável: Herla e Dinoelly Local de armazenamento: Estante/ Etiqueta / Setor/ Corredor/ Caixa:	
Dados biográficos da moeda	
Nº registro: 003 Nome da peça: D Padrão monetário: Réis - Terceiro Sistema Monetário (1849-1889) (CAFFARELLI, 2002) Nascida por qual decreto: Decreto nº 4.019 de 20 de novembro de 1867 (CAFFARELLI, 2002) Valor: 10 Réis Ano de nascimento: 1869 Idade: 155 anos Local de nascimento: Não identificado	

Característica especial: Ausente

Quantidade de irmãs: Não identificado (Pois não consta a quantidade de moedas cunhadas desse mesmo tipo nas bibliografias consultadas)

Marcas de reutilização: Ausente

DESCRIÇÃO DETALHADA

Anverso: Ao centro da moeda consta o busto do imperador (Dom Pedro II) voltado para a direita, circundado pela legenda “PETRUS SECUNDUS DEI GRATIA CONSTITUTIONALIS IMPERATOR ET PERPETUUS BRASILIAE DEFENSOR” (D. Pedro segundo por graça de Deus, imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil), conforme pesquisa realizada em Caffarelli, 2002. Em abaixo do busto há o número 1869 entre floretes.

Reverso: Ao centro da moeda observa-se o brasão do império arredondado em alto relevo e contém em alto relevo contém a esfera armilar (representação de um globo terrestre), atravessada pelos braços da Cruz da ordem de Cristo, estes elementos estão circunscritos por um anel de estrelas. Na parte de cima do brasão, em alto relevo, nota-se uma coroa e à sua esquerda, observa-se o número 10 (Se referindo ao valor monetário) da moeda e a direita a letra R (Se referindo ao padrão monetário Réis).

Outras observações: A moeda contém partes muito oxidadas, o que torna difícil a identificação de alguns elementos, como a legenda e o busto do imperador.

Análises Arqueométricas

Peso: 3,5120 g

Diâmetro: 2,1 mm

Espessura: 3mm

Tipo de material: Bronze

Técnica de manufatura: Cunhagem por prensa de fuso (Balancim) (BULAD, 2020)

Grau de conservação: Regular, já que alguns elementos diagnósticos são possíveis de identificar, porém a oxidação torna difícil identificar algumas partes como o busto do

imperador
Descrição do sítio onde foi encontrada
Sítio Seu Bode Localização - Sítio Seu Bode fica localizado em Luís Correia - PI, (coordenada) MAPA Característica do Sítio - O sítio em questão foi bastante discutido pela pesquisadora Joina Borges no livro A história negada: em busca de novos caminhos, nesse sítio foi observado uma maciça presença de restos de moluscos bivalves, essas concentrações estão associadas a fogueiras, onde não há mais carvão, mas há pedras queimadas, conchas e cacos de cerâmica e, na maioria dos casos, manchas escuras na areia, provavelmente em decorrência do depósito de matéria orgânica, resultante da atividade alimentar, no seu Bode puderam ser detectadas, além das atividades alimentares, atividades técnicas como lascamento e, talvez, polimento de artefatos Líticos". As atividades de lascamento ficaram evidentes pelo número de instrumentos e lascas encontradas, algumas vezes associadas aos núcleos dos quais foram retiradas. A atividade de polimento tem que ser mais bem avaliada, mas foram encontrados alguns artefatos polidos, e há a hipótese de que blocos de granito e gnaiss presentes no sítio os quais possuem em uma das superfícies uma área polida e côncava, sejam polidores, sendo a área côncava resultante do desgaste provocado na atividade de polir. É através de suas formas e por apresentarem marcas de utilização, que estas peças podem ter uma identificação funcional. Os instrumentos líticos mais encontrados no Seu Bode foram os batedores ou percutores. No local além dos recursos advindos do mar, a região apresenta os recursos advindos dos vários rios (como o Parnaíba, Igaraçu, Camurupim, Cardoso, etc.), das lagoas, dos mangues e da vegetação que se caracteriza pela caatinga litorânea arbórea e arbustiva, pela restinga e pelos esparsos carnaubais, No sítio seu bode se forma um vale, contornado por dunas estáveis, ao fim do qual, no poente, se forma uma grande duna móvel através da deposição da areia pelo vento

é uma área plana entre dunas, sofrendo ação constante do vento, transformando o local.

FOTO DA MOEDA	
ANVERSO	REVERSO
	
DADOS DE COLETA	
Instituição: NAP - UFPI Município: Ingá - PB Sítio: Pedra do Ingá Unidade de escavação: Superfície/ Área 4 Projeto: Estudos arqueológicos, conservação e socialização do sítio Itacoatiara do Ingá Responsável: Sônia/ Árlon (Empresa Wlage Arqueologia) Local de armazenamento: Estante/ Etiqueta / Setor/ Corredor/ Caixa: Caixa E 22	
Dados biográficos da moeda	

Nº registro: 269

Nome da peça: E

Padrão monetário: Primeiro Padrão Monetário (de 6 de fevereiro de 1818 a 7 de setembro de 1822) (CAFFARELLI, 2002)

Nascida por qual decreto: Aviso nº 12 de 23 de maio de 1818 e Aviso 1º de junho de 1818 (CAFFARELLI, 2002)

Valor: 20 réis

Ano de nascimento: 1822

Idade: 202 anos

Local de nascimento: Rio de Janeiro (pois se sabe que as moedas cunhadas nas suas determinadas casas da moeda recebem a letra inicial da mesma, exemplo: R - Rio de Janeiro, B - Bahia, M - Minas Gerais, SP - São Paulo, G - Goiás, C - Cuiabá, P - Pernambuco (AMATO et al., 2008)

Característica especial: A letra R indicando seu local de cunhagem, que significa que foi cunhada na casa da moeda do Rio de Janeiro

Quantidade de irmãs: 7.045.867 (CAFFARELLI, 2002)

Marcas de reutilização: Furo no meio da moeda

DESCRIÇÃO DETALHADA

Anverso: O centro da moeda contém o número romano XX, em alto relevo, à sua direita e à sua esquerda observam-se florões em alto relevo. Na parte de baixo da moeda identifica-se o ano 1822, com um ponto de cada lado, indicando o seu período de produção. Na parte de baixo do ano, verifica-se a letra R, em alto relevo, com dois pontos de cada lado. Acima dos algarismos romanos, observa-se uma coroa em alto relevo, a coroa é transpassada e todos os elementos são circundados por uma sequência de pontos. Entre a borda e o anel de pontos, observa-se a legenda “JOANNES VI D PORT BRAS ET ALG REX XX” abreviação de: Joannes VI dei gratia Portugaliae brasiliae et algarbiarum” (João VI por graça de Deus rei de Portugal, Brasil e algarves) conforme pesquisa realizado em Caffarelli, 2002.

Reverso: O centro da moeda contém um brasão do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (uma esfera armilar ao centro, um escudo no estilo francês, circundado pela legenda “PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM” (O dinheiro circula em todo mundo) conforme pesquisa realizado em Caffarelli, 2002.

Outras observações: A impressão da moeda não está centralizada pois as bordas estão

irregulares. A moeda encontra-se em bom estado, porém contém um furo no meio indicando algum sinal de reutilização.

Análises Arqueométricas

Peso: 4,7939 g

Diâmetro: 3mm

Espessura: 2mm

Tipo de material: Cobre

Técnica de manufatura: Cunhagem por prensa de fuso (Balancim) (Bulad, 2019)

Grau de conservação: Bom, pois é possível observar os elementos diagnósticos

Descrição do sítio onde foi encontrada

Sítio Pedro do Ingá

Localização - no município de Ingá, distante 36 km de Campina Grande e 84 km da capital, João Pessoa, O sítio arqueológico Pedra do Ingá está situado no município de Ingá, Microrregião de Itabaiana, Mesorregião do Agreste Paraibano, e dista aproximadamente 36 km de Campina Grande e 84 km da capital João Pessoa pela BR 230/PB 408. Sua área é de 288 km² representando 0.5102% do Estado paraibano. Saindo de João Pessoa, o acesso é feito pelas rodovias BR 230/ PB 408 (CPRM, 2005).

Característica do sítio - Sua característica física tem particular relevância, uma vez que o sítio Pedra do Ingá é composto por um grande bloco rochoso granítico localizado no leito do rio Ingá de Bacamarte, onde as gravuras do painel principal ficam submersas durante o período chuvoso e elaboradas com motivos e temas diversos, mostrando amplo conhecimento técnico e alto investimento de tempo na sua execução; são de várias dimensões, tendo sido feito um enfileiramento proporcional de círculos (as cúpulas) como forma de limitar os espaços no painel principal. Essas representações são visualmente impactantes e conseguimos notá-las a uma distância de mais de 200m. O sítio é composto também por outros três blocos dispostos ao longo da margem do rio e apresentam gravuras onde percebemos diferenças estilísticas daquelas realizadas no painel principal, o que pode significar a reapropriação do sítio por outro (s) grupo (s) em outro(s) momento (s). Uma obra que se discute **MÚLTIPLAS VOZES NA PEDRA DO INGÁ: ouvindo narrativas paralelas**, a pesquisadora Ana Luísa Meneses Lage do Nascimento ressalta sobre importância desse local e as diferentes e variadas interpretações. o sítio Pedra do Ingá é composto por um

grande bloco rochoso granítico localizado no leito do rio Ingá de Bacamarte, onde as gravuras do painel principal ficam submersas durante o período chuvoso e elaboradas com motivos e temas diversos, mostrando amplo conhecimento técnico e alto investimento de tempo na sua execução; são de várias dimensões, tendo sido feito um enfileiramento proporcional de círculos (as cúpulas) como forma de limitar os espaços no painel principal. Essas representações são visualmente impactantes e conseguimos notá-las a uma distância de mais de 200m. O sítio é composto também por outros três blocos dispostos ao longo da margem do rio e apresentam gravuras onde percebemos diferenças estilísticas daquelas realizadas no painel principal, o que pode significar a reapropriação do sítio por outro (s) grupo (s) em outro(s) momento (s). Está situado no centro do leito do rio Ingá do Bacamarte. O sítio foi recentemente objeto de uma grande e sistemática pesquisa arqueológica, que teve como finalidade executar trabalho de conservação para minimizar os danos causados ao longo dos anos por depósitos de alteração. Também foram realizadas prospecções em superfície e subsuperfície, usando trados e sondagens, além de escavações, para buscar artefatos porventura associados aos antigos habitantes daquele espaço. Contou ainda com atividades de socialização para apresentar o projeto e a atividade arqueológica à comunidade ingaense e aos demais moradores do entorno do Parque. Outros trabalhos anteriores se referem mais à descrição e tentativas de interpretação dos grafismos gravados.

História do Sítio – Foi descoberto no século XVII e tombado como Patrimônio Cultural no IPHAN em 1944, a área do sítio Pedra do Ingá integrava um latifúndio denominado Fazenda Pedra Lavrada, de propriedade da Sr^a Francisca de Moraes Farias e, assim como em outras terras privadas próximas ao município de Ingá, uma das principais atividades era a extração de fragmentos da rocha para o calçamento de várias cidades do estado paraibano, sobretudo a capital João Pessoa. O primeiro contato com a Pedra do Ingá se deu em 2012, a partir da execução do projeto intitulado **Estudos Arqueológicos, Conservação e Socialização do Sítio Itacoatiaras do Ingá**, onde se tinha como objetivo fazer uma ampla investigação do sítio e da área do entorno a fim de ampliar o perímetro do Parque, além de executar um trabalho sistemático de conservação da rocha onde está disposto o painel principal. A Pedra do Ingá é um sítio constituído não só pelo painel de gravuras principal, disposto na horizontal da formação rochosa, mas também por outros painéis, situados na mesma formação rochosa

ou distribuídos em blocos próximos. O bloco onde o painel principal da Pedra do Ingá foi gravado é de formação granítica e mede aproximadamente 24 m de comprimento e 3,5 m de altura, em sua altura máxima.